

ÉRIKA MARIA ASEVEDO COSTA MOURA

**O TRABALHO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVO EM UM GRUPO DE
CONVIVÊNCIA DE SUJEITOS AFÁSICOS**

RECIFE, 2015

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

**O TRABALHO LINGUÍSTICO-DISCURSIVO EM UM GRUPO DE
CONVIVÊNCIA DE SUJEITOS AFÁSICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco como pré-requisito a obtenção do título de mestre em Ciências da Linguagem sob a orientação da Prof^a. Dra. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo.

RECIFE, 2015

Costa, Erika Maria Asevedo

O Trabalho Linguístico-Discursivo em um Grupo de Convivência de Sujeitos Afásicos – Recife: O autor, 2015.

87 folhas.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Ciências da Linguagem, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Linguístico-Discursivo. 2. Grupo de Convivência. 3. Sujeitos Afásicos. I. Título.

CDD

UNICAP
/2015

ÉRIKA MARIA ASEVEDO COSTA

**O TRABALHO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVO EM UM GRUPO DE
CONVIVÊNCIA DE SUJEITOS AFÁSICOS**

Dissertação de mestrado submetida à banca examinadora como requisito final para obtenção do título de mestre em Ciências da Linguagem.

Aprovado em 11 de fevereiro de 2015:

Prof^a. Dr^a Nadia Pereira da S. G. de Azevedo-UNICAP
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Jônia Alves Lucena-UFPE
(Membro Externo)

Prof^a. Dr^a. Renata Fonseca Lima da Fonte-UNICAP
(Membro Interno)

“Dedico esta obra a toda minha família”.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação jamais poderia ter sido concretizada sem num esforço solidário, razão pela qual agradeço àqueles que participaram desta história, a todos com quem pude dividir os momentos felizes e as dificuldades do caminho.

A todos os professores que tive, pelos conhecimentos compartilhados.

À minha orientadora, Nadia Pereira da S. G. de Azevedo, pela amizade e pelo compromisso em assumir esse desafio comigo, com atitudes coerentes para o desenvolvimento deste trabalho, realizando observações concisas e de valor para a execução de todas as etapas.

Ao meu marido, Geraldo Jorge Barbosa de Moura, pelo estímulo e compreensão constantes.

Aos meus pais, pelo apoio aos meus estudos, pelo carinho que sempre me dedicaram.

A minha filha Letícia, por ter acolhido, com paciência, a minha ausência.

Às professoras que fizeram parte da qualificação deste trabalho, Prof^a Jonia Lucena e Renata da Fonte, pela leitura atenta e tantas sugestões interessantes.

SUMÁRIO

RESUMO	08
ABSTRACT	09
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
CAPÍTULO 1 – AFASIA E ANÁLISE DO DISCURSO	15
1.1. Afasia: história da arte	15
1.2. O aspecto linguístico da afasia	24
1.3. Jakobson: a linguagem e os eixos de seleção/combinção	27
1.4. A visão dos fonoaudiólogos, linguistas e psicanalistas sobre a linguagem do Afásico	33
1.5. Análise do discurso: teoria e procedimentos analíticos	37
CAPÍTULO 2 - PERCURSOS METODOLÓGICOS PARA A COMPREENSÃO DO SUJEITO AFÁSICO	45
2.1. Seleção e caracterização dos sujeitos	45
2.2. Caminhos metodológicos de coleta de dados nos encontros do Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco (GCA-UNICAP)	50
2.3. Metodologia de análise dos dados coletados segundo a Teoria de Análise do Discurso de Linha Francesa	52
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DISCURSIVA DE SUJEITOS AFÁSICOS INTEGRANTES DE GRUPO DE CONVIVÊNCIA	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	82

RESUMO

Dentre os avanços da ciência, destacam-se aqueles que visam a melhorar a vida das pessoas, seja no que se refere ao social, seja no econômico e físico. Nesta perspectiva, resalta-se a Afasia, quadro clínico que pode gerar desde um simples distúrbio imperceptível na fala à impossibilidade plena de conversação entre os sujeitos, comprometendo suas interações e, conseqüentemente, sua sustentabilidade social e financeira. Esse distúrbio de linguagem vem, tradicionalmente, sendo investigado, no que se refere a sua origem fisiológica (Acidentes Vasculares Encefálicos ou Traumatismos Crânio Encefálicos, para citar os dois mais frequentes) e intervenções medicamentosas que visam a evitá-la ou amenizá-la, uma vez que a Afasia é decorrente dessas causas de origem neurológica. Salienta-se que há propostas que se mantêm na relação causa versus sintoma. De forma inovadora, este estudo busca inserir nesta discussão a vertente linguístico-discursiva, através da teoria e procedimento analítico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), como ferramenta que venha melhorar as interações interpessoais entre os sujeitos acometidos pela Afasia, possibilitando-lhes um melhor e mais rápido reenquadramento social. Diante do exposto, este trabalho objetiva analisar o discurso de sujeitos afásicos a partir de suas próprias condições de falantes, na interação em grupo; especificamente, busca identificar a materialidade discursiva, as condições de produção, as formações imaginárias, as relações de força, a formação discursiva, o silenciamento e as condições de produção que ajudam ou prejudicam a linguagem dos sujeitos afásicos. A coleta de dados ocorreu em 2014, durante os encontros semanais do Grupo de Convivência dos Afásicos da UNICAP, ocasião em que, os participantes tiveram seus discursos filmados para posterior transcrição e análise com base nos pilares teóricos e metodológicos da AD. Os sujeitos investigados apresentaram distúrbios em um dos eixos da linguagem: no de seleção e no de combinação e, em alguns casos, em ambos. Seus discursos foram frequentemente norteados por formações imaginárias e conseqüentemente relações de força, uma vez que eles se constituem sujeitos afásicos a partir da imagem que fazem de si e da imagem que julgam que o interlocutor faz deles, interagindo hierarquicamente no grupo de acordo com suas percepções, histórias de vida e condições de produção. O reconhecimento dessas articulações linguísticas realizadas pelo sujeito afásico permite destacar alguns parâmetros que os pesquisadores, profissionais de linguagem, saúde e familiares podem usar para contribuir positivamente (transmitir confiança, estimular e respeitar a velocidade de construção das ideias do afásico) ou, negativamente, (expressão ou não entendimento e acelerar ou pressionar o afásico a se expressar) para que os sujeitos afásicos interajam através da linguagem falada. Assim, este estudo disponibiliza contribuições no campo das estratégias teóricas e metodológicas em relação aos aspectos linguístico-discursivos dos sujeitos afásicos.

Palavras-chaves: Afasia; Linguagem; Análise do Discurso; Linguística; AD.

ABSTRACT

Amongst the science advances are those that aim at improving people's lives in social, economic or physical ways. In this framework, we can highlight the aphasia, a clinical framework that can generate a simple imperceptible disorder or even the impossibility of a normal conversation. In this way, it can affect the aphasics' interactions and consequently their social and financial lives. This language disorder has been traditionally investigated concerning its physiologic origin (cerebrovascular accidents or traumatic brain injury, the two most common causes) and medical interventions that can avoid or soften its symptoms, since Aphasia happens due to neurologic causes. There are many studies about this relationship between cause and symptoms of Aphasia. However this study, in an innovative way, aims at inserting this topic in the linguistic-discursive framework through the theory and procedures of the French Discursive Analysis (DA), as an instrument to improve the interpersonal interactions of aphasics, providing them a better and faster social adaptation. Considering this context, this paper aims at analyzing the discourse of aphasics from their own conditions as speakers in the group interaction; more specifically it attempts to identify the discursive materiality, the productions conditions, the imaginary formations, the power relations, the discursive formations, the silencing and the productions conditions that help or jeopardize the language of aphasics. The data collection took place in 2014 during the weekly meetings of the Group of Aphasics of the Catholic University of Pernambuco when the participants had their speeches recorded for a later transcription and analysis based on the theoretical and methodological basis of the DA. The participants of the research presented disorders in one of the language aspects: selection and combination and, in some cases, in both. Their discourses were frequently guided by imaginary formations and consequently power relations, since the subjects constitute aphasics by the image they have about themselves and the image they judge the receivers have about them, interacting hierarchically in the group according to their perceptions, history of life and production conditions. The identification of these linguistic articulations produced by the aphasics permits us to highlight some parameters that the researchers, language and health professionals and relatives can use to contribute positively (transmitting confidence, stimulating and respecting the aphasics' pace to construct ideas) or, negatively (expressing of lack of sympathy, attempting to accelerate the aphasics to express themselves) so that the aphasics can interact through oral language. Therefore this study provides contributions for the theoretical and methodological strategies concerning linguistic-discursive aspects of the aphasics' discourse.

Key words: Aphasia; Language; Discourse Analysis; Linguistics; DA.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O despertar deste trabalho veio do meu interesse pela área de Ciências da Linguagem. Desde que fiz o curso de graduação em Letras (1996), interessei-me por estudos com foco em interpretação, análise e discussão da linguagem escrita e falada.

Terminei o curso de Letras dando preferência ao estudo de romances e poesias, sempre buscando entender o que os textos nos falam nas entrelinhas. Fiz duas especializações, uma em Literatura Brasileira (2002), estudando a intertextualidade nas obras de Machado de Assis e outra em Educação e Cidadania na Multiculturalidade (2010), estudando também aspectos linguísticos das obras literárias clássicas.

Concluí o Mestrado em Psicologia da Educação (2010), investigando “O Papel da Literatura na Formação do Cidadão”, investigando como os textos literários, poesia e contos podem transformar as visões de mundo em alunos de duas realidades sociais, escola pública e escola particular.

Porém a busca por conhecimentos mais específicos na área de Ciências da Linguagem, motivaram-me a buscar um outro Mestrado: o Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da UNICAP, continuando com a compreensão de que a linguagem, falada ou escrita, apresenta o emissor e transforma o receptor. Acreditando que sempre, depois de uma leitura, o indivíduo não é o mesmo; “a poesia nos transforma”, como afirma Ferreira Gullar.

Lembro-me de que ao chegar à secretaria do PPGCL, tomei conhecimento de que as inscrições da seleção haviam encerrado, embora pudesse me candidatar como aluna especial. Neste momento, chamou-me a atenção a disciplina “**Elementos de Análise do Discurso**” que, pela afinidade temática, levou-me à inscrição inicial. Foi através desta disciplina, ministrada pela Professora Dr^a Nadia Pereira da S. G. de Azevedo, que finalizei publicando um artigo (*Uma análise discursiva da crônica “O novo manifesto de*

Lima Barreto” X “*O castelão de Edmar e o feudalismo*” de Arnaldo Jabor), que observei o encanto de realizar um estudo usando a teoria da Análise do Discurso de linha francesa (AD).

No final do ano de 2013, prestei seleção para o mestrado. Passei e recebi o convite da minha orientadora, professora identificada no parágrafo anterior, para colaborar com o Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco. A princípio, fiquei temerosa, afinal não tenho formação no que se refere às questões fisiológicas/fonoaudiológicas dos distúrbios da fala, porém, após ter compreendido que, devido à minha formação, o enfoque da dissertação seria nos aspectos linguísticos, passei de temerosa para altamente agradecida à professora supracitada, pela excelente oportunidade de aprendizado que me foi oferecido, além de poder contribuir com o preenchimento de lacunas científicas eminentes nas ciências da linguagem.

A partir deste momento, peço licença para deixar o meu percurso pessoal, em primeira pessoa do singular e passar, de fato, ao texto científico, considerando que outros discursos fazem parte do meu e, também, por isso, assumir o plural. Da mesma forma, trago algumas questões da Afasia para a melhor compreensão do objeto de estudo, das questões de pesquisa e dos objetivos do trabalho.

A afasia é um tema de discussão multifatorial, e para ser bem entendida precisa ser investigada desta forma, na interface entre a visão organicista/patológica e linguístico-discursiva.

A afasia é externa ao discurso teórico dos afasiologistas e expõe a independência de tal discurso à linguagem relativa do sujeito. Isso porque a visão organicista não leva em conta a autonomia do funcionamento linguístico, delegando demandas dessa natureza apenas às intervenções dos fonoaudiólogos, que a depender do quanto foi (é) sua formação holística, pode não estar capacitado para contribuir com demandas dessa natureza.

Assim, deve-se abordar essa questão, assumindo que se trata de uma relação entre dois tipos diferentes de funcionamento (funcionamento do

cérebro e o funcionamento da linguagem), ao invés de uma relação entre o funcionamento cerebral e o comportamento linguístico. Assim sendo, a afasia é o foco da discussão.

Diante do exposto, este trabalho busca contribuir com as ciências enquadradas na interface entre as ciências da linguagem e as ciências clínicas, a partir da elucidação das seguintes inquietações:

Quem é o sujeito afásico?

Além de fisiológica, a afasia deve ser estudada como um distúrbio Linguístico?

Como trabalhar com o sujeito afásico em uma perspectiva que considere a linguagem e o discurso?

A Análise do Discurso de Linha Francesa pode ajudar como teoria e ferramenta que maximiza o entendimento do discurso de sujeitos afásicos?

Como o sujeito afásico se relaciona com seus pares no Grupo de Convivência de Afásicos?

Os sujeitos e os pesquisadores fazem uso de estratégias facilitadoras para desenvolver suas produções discursivas? Se sim, quais?

No que se refere aos objetivos, este trabalho busca analisar o discurso de sujeitos afásicos a partir de suas próprias condições de falantes, na interação em grupo. Especificamente, pretende-se: i. Identificar a materialidade discursiva e as condições de produção do sujeito afásico no discurso com outros sujeitos; ii. Detectar condições de produção geradoras de melhor funcionamento da linguagem em sujeitos afásicos; iii. Registrar as condições de produção geradoras de dificuldades no funcionamento da linguagem de sujeitos afásicos; iiiii. Investigar as formações imaginárias do sujeito afásico na interação com o grupo; iiiiii. Analisar a formação discursiva do sujeito afásico em grupo de convivência; iiiiii. Investigar o silenciamento na fala dos sujeitos afásicos em grupo; iiiiii. Analisar estratégias discursivas do afásico e do pesquisador que facilitem ou dificultem suas interações em grupo.

Com base nos pressupostos teóricos dessa pesquisa, este trabalho também se justifica com base nas definições de Jakobson (2010), pois ao tratar da questão da Afasia, afirma que se ela é uma perturbação da linguagem, como o próprio termo sugere, segue-se daí que toda descrição e classificação das perturbações afásicas devem começar pela questão de saber quais os aspectos da linguagem são prejudicados. Isso significa que o indivíduo afásico pode ter dificuldades para expressar o que quer dizer, embora saiba por que se comunica e quais são seus propósitos comunicativos. Ele afirma, ainda, que esse problema não pode ser resolvido sem a participação de linguistas e outros profissionais que estudam a linguagem.

Considerando que o termo afasia é mais conhecido no campo da patologia, ainda são incipientes estudos que venham a contribuir com aspectos linguísticos sobre desordens que acometem a linguagem falada e escrita dos sujeitos. O fato da visão organicista não incluir a linguística no rol de suas proposições problemáticas, o que reduz muito seu potencial de contribuições para as ciências modernas, a torna reducionista e simplista, pois restringe os fatos linguísticos à localização cerebral.

Assim, esse trabalho contribuirá com o estudo da Afasia numa visão linguístico-discursiva, uma vez que a linguagem e o discurso ainda são espaços pouco trabalhados no campo das ciências da saúde. Pretendemos preencher parte dessa lacuna e facultar aos profissionais de linguagem, saúde, familiares e a sociedade, em geral, subsídios que venham contribuir com uma melhor interação no que se refere aos sujeitos Afásicos.

Desta forma, este trabalho foi escrito em três capítulos principais. O primeiro trata da fundamentação teórica do trabalho, define conceitos gerais e aponta os diferentes teóricos que contribuíram direta ou indiretamente com os estudos da Afasia e da Análise do Discurso. Será visto um breve histórico e bases epistemológicas sobre Análise do Discurso de linha francesa, de acordo com as contribuições do pensador Michel Pêcheux (1988, 1993, 2007, 2008,) difundida e maximizada por Eni Puccelli Orlandi (1988, 1997, 2001, 2002, 2009, 2011, 2012) e tantos outros autores aqui no Brasil, assim como sua relação com a Afasia.

O segundo capítulo se refere aos procedimentos da metodologia do estudo, seja na escolha dos sujeitos investigados, o método de coleta de dados, ou seja, as gravações dos discursos e posterior transcrição e os procedimentos metodológicos e critérios de avaliação para análise dos discursos registrados, de acordo com os postulados da AD.

Por fim, o terceiro capítulo enfoca a análise dos discursos propriamente ditos, ou seja, análise dos dados, a partir de recortes discursivos dos sujeitos estudados, tomando por base os preceitos teóricos e analíticos da AD.

Finalmente, haverá as considerações finais do trabalho, com sugestão de novos estudos sobre o tema.

CAPÍTULO 1: AFASIA E ANÁLISE DO DISCURSO

O presente capítulo refere-se à explanação teórica dos temas diretos e indiretos sobre afasia. Está estruturado em cinco partes. A primeira esclarece ao leitor os temas relevantes sobre os aspectos fisiológicos do sujeito afásico; a segunda, apresenta uma revisão sobre o estudo da afasia no aspecto linguístico; a terceira, refere-se à teoria de Jakobson e suas contribuições com o estudo da afasia; o quarto item apresenta a visão de linguistas, psicanalistas e fonoaudiólogos sobre a linguagem do Afásico, e o quinto, um estudo sobre a Análise do Discurso como teoria e procedimento analítico para trabalhos com sujeitos afásicos.

1.1. Afasia: Estado da Arte

A afasia é uma patologia da linguagem bastante complexa, que gera muitos questionamentos entre os profissionais que trabalham na área. Pode-se observar, diante das leituras sobre definição e classificação, que, a partir do histórico da afasia, cada autor traz sua teoria e suas tendências sobre a patologia (JAKUBOVICZ; MEINBERG, 1992). É válida a classificação de acordo com a zona anatômica lesada, a etimologia, os resultados da testagem e as características linguísticas (JAKUBOVICZ; MEINBERG, 1992).

A afasia geralmente é decorrente de transtornos neurológicos como: acidente vascular cerebral (AVC), ou popularmente conhecido como trombose ou derrame cerebral, traumatismo crânio encefálico (TCE), tumores intracranianos, aneurismas, ou infecções e manifestações degenerativas locais, comprometendo a área específica relacionada à linguagem e seu funcionamento. Como a linguagem verbal pode ser considerada uma das principais ferramentas de comunicação humana, qualquer impedimento em seu processo, possivelmente irá comprometer a capacidade de comunicação oral ou escrita da pessoa afetada. Esse comprometimento varia de acordo com

a extensão da lesão, podendo alterar sistematicamente a capacidade de produção ou de compreensão da linguagem verbal (MAC-KAY, 2003).

Lesões em regiões do hemisfério cerebral esquerdo costumam comprometer a produção verbal, enquanto que lesões em regiões posteriores desse mesmo hemisfério provavelmente comprometem a compreensão verbal. Toma-se como referência o sulco central (Figura 01) que divide as regiões do cérebro em anteriores e posteriores (MAC-KAY, 2003).

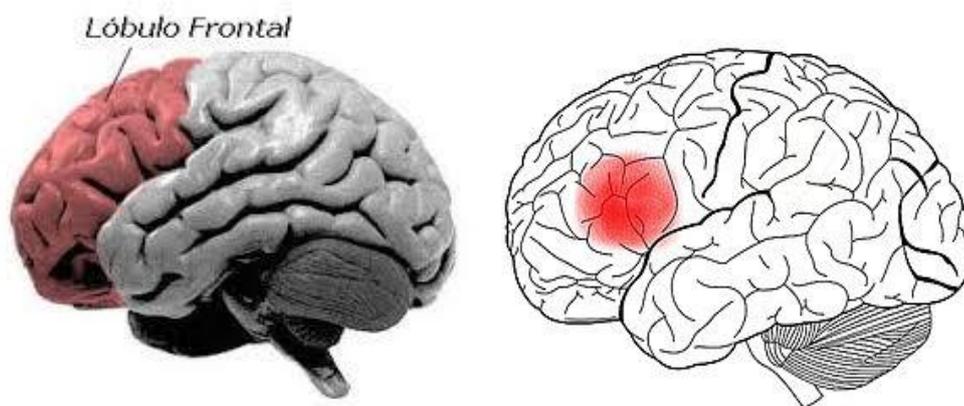


Figura 1: Esquema representando a visão lateral esquerda do Telencéfalo Humano. **A**, com destaque o Lóbulo Frontal e **B**, com destaque a Área de Broca do Lóbulo Frontal. O destaque para o hemisfério esquerdo justifica-se por se tratar da área da linguagem (Fonte: Adaptado de MAC-KAY, 2003, p. 12).

Quanto à extensão da lesão, o comprometimento da linguagem verbal, seja em relação à produção ou em relação à compreensão, é diretamente proporcional à mesma. Assim sendo, uma pessoa afásica com alteração na produção verbal pode apresentar desde um comprometimento leve, em que seu discurso é marcado apenas por anomia ou a dificuldade de encontrar palavras – traço que mais se destaca no discurso de um afásico, até um comprometimento mais severo, em que a pessoa perde a capacidade de emitir qualquer sinal linguístico. Alterações da compreensão abrangem tanto dificuldades em compreender sentenças complexas (sentenças passivas,

sentenças que implicam relações espaciais, entre outras) ou longas com comprometimentos leves, quanto se tem dificuldade em compreender qualquer sinal linguístico no caso de comprometimento mais severo (MAC-KAY, 2003).

Na literatura da área, pode-se verificar que são muitos os autores que ao longo dos anos descrevem os tipos de afasia e suas características. Porém, este tema foi aprofundado no século XIX, quando patologistas e neurologistas como Paul Broca (1861 *apud* JAKUBOVICZ, MEINBERG, 1992) com a obra “afasia motora ou de expressão” inaugura a corrente localizacionista e, mais adiante, o neuropsiquiatra alemão Wernicke (1874), publicou relatos de casos dos seus pacientes que apresentavam lesões corticais no hemisfério esquerdo”, definindo as características da afasia sensorial ou de compreensão. Esta corrente afirma haver uma relação direta entre áreas de lesão cerebral com as áreas da linguagem. Sendo assim, foram desenvolvidos estudos que descreviam a descoberta de uma área localizada no hemisfério esquerdo, como responsável pela capacidade linguística, fortalecendo a corrente localizacionista (KANDEL, 2000).

Em oposição à corrente localizacionista, o neurologista inglês, Hughlings Jackson (1864) publicou seus pressupostos propondo uma concepção mais dinâmica das afasias, que inaugura uma nova escola, conhecida como a “escola cognitiva”. Essa escola associa conceitos de psicologia, distinguindo a fala intelectual da fala emocional ou automática. Conforme esse autor, a fala automática estaria relativamente preservada nos afásicos na forma de interjeições, exclamações, expressões recorrentes e clichês. Jackson (1864 *apud* MAC-KAY, 2003) não situava a função da linguagem unicamente na área motora, que ele acreditava ser uma função mais psicológica. Considerava que o cérebro funcionava como uma unidade, numa perspectiva holística (JACKSON, 1864 *apud* MAC-KAY, 2003). Entretanto, as modernas técnicas de neuroimagem vieram reforçar as ideias da corrente localizacionista, e apesar das divergências científicas no que tange a essa corrente, ela é mantida até os dias atuais (MURDOCH, 1997).

Existe uma grande variedade de sistemas de classificação das afasias e diversificada terminologia para definir a síndrome afásica, que somada à

singularidade do distúrbio de linguagem desencadeia um panorama complexo. Segundo Benson (1979, 1985), após reformular um sistema já existente de classificação, define oito síndromes afásicas, as quais seguem o modelo de localização de Wernicke – Lichtheim (1874):

1. AFASIA DE BROCA: atinge o centro de expressão da fala e os sujeitos apresentam fala não fluente, empobrecida, agramática ou telegráfica. Predominam substantivos e verbos. A compreensão da linguagem é relativamente mantida.

2. AFASIA DE WERNICKE: lesão no centro audioverbal. Seu aspecto mais importante está na dificuldade em compreender a linguagem, seja falada ou escrita. Estes afásicos têm fala fluente, tem prosódia, contudo não conseguem produzir um discurso coerente, substituem palavras (parafasias) ou criam neologismos.

3. AFASIA DE CONDUÇÃO: causada por acometimento das vias de conexão entre o centro áudio-verbal e o expressivo da fala. Caracteriza-se por uma grave deficiência da repetição. O afásico apresenta fluência na fala, porém com uso incorreto de fonemas e presença de pausas e hesitações.

4. AFASIA GLOBAL: abrange o centro audioverbal e expressivo da fala por extensa lesão. Estão comprometidas todas as funções da linguagem. A expressão pode estar resumida à fala estereotipada e repetitiva.

5. AFASIA TRANSCORTICAL MOTORA: rompimento das vias de associação dos centros do conceito e de expressão da fala. Os sujeitos afásicos apresentam perseverança da repetição com empobrecimento da fala espontânea.

6. AFASIA TRANSCORTICAL SENSORIAL: lesão entre as vias de conexão do centro audioverbal e do conceito. Há uma deficiência acentuada na compreensão da linguagem falada. É comum os sujeitos com este tipo de afasia apresentarem ecolalia, determinando um caráter mandatório da repetição.

7. AFASIA DE ISOLAMENTO: ruptura no conceito do centro audioverbal e de expressão de fala, com redução da fala espontânea associada à repetição.

8. AFASIA ANÔMICA: denominada quando a anomia (dificuldade de encontrar palavras para nomear) é o traço mais importante da afasia. A anomia, em geral, está presente em todos os tipos de Afasia.

Morato (2001), afirma que a partir do século XIX teve início o estudo das questões cérebro – linguagem, período chamado de Frenologia. A partir de então, surgiu a Afasiologia, que se desenvolveu através de estudos anátomo-fisiológicos das alterações da linguagem causada por lesões cerebrais, isto é, o estudo das afasias. Com o decorrer do tempo, os estudos sobre as afasias se desenvolveram, abrangendo os processos linguísticos e cognitivos, normais ou patológicos que ocorrem no cérebro humano.

Outro autor âncora para o estudo da afasia é Alexander R. Luria (1902-1977) que introduz na neurologia o ponto de vista de Saussure (1916-1970) herdeiro e comprometido com os postulados de Vygotsky, no que se refere a condição sócio-histórica da linguagem, da mente e de seu funcionamento. Para guiar o estudo sobre a relação cérebro- linguagem, seja na patologia ou no funcionamento normal, o autor formula o princípio da organização cerebral (e seu funcionamento) complexo, dinâmico e integrado (FLORES *et al*, 2008).

No estudo da afasia, Luria (1981) se posiciona contra o localizacionismo estrito (que correlaciona diretamente lesão/função) e introduz o conceito de *sistema funcional complexo* que envolve várias unidades e áreas cerebrais trabalhando em conserto.

Como exposto, a Visão Localizacionista torna-se reducionista quando limita as relações de causa e consequência da afasia apenas à localização do comprometimento cerebral, identificando os sintomas patológicos, descrevendo-os e explicitando-os, enquanto que a Visão Funcional leva em conta à perturbação de todo um grupo de processos cerebrais. Portanto nesse sentido, a concepção da visão funcional abre a possibilidade de considerar a afasia com um problema linguístico-discursivo, como defendemos na problemática no trabalho em questão.

O conceito de sistema funcional estabelece que os processos mentais não estão localizados em áreas circunscrita do cérebro, mas ocorrem com a participação de diversas áreas cerebrais; processos como a percepção, memória, atenção, gnosis, praxia, fala, pensamento, escrita, leitura e cálculo, se realizam mediante a participação de várias áreas cerebrais (LURIA, 1981).

Para Luria (1981), o cérebro se organiza em três blocos ou unidades funcionais que abrangem todas as regiões cerebrais (externas e internas) que se subdividem, por sua vez, em uma porção anterior envolvida no funcionamento de atividades motoras – falar, andar, pegar, nadar – também denominada de área dinâmica; e em porção posterior chamada gnósica, que trata de processos perceptivos – auditivos, visuais, táteis – cinestésicos (proveniente da sensação que o movimento provoca), olfativos - e de suas relações. Só uma visão baseada na plasticidade cerebral - o que permite que outras áreas se rearranjem para assumir funções modificadas pela afasia - sustenta a possibilidade de suprir a unipolaridade da linguagem que a afasia estabelece, podendo ela ser decorrente de lesões anteriores e posteriores.

Da concepção de cérebro como sistema funcional conclui-se que lesões em determinada área do cérebro podem levar à desintegração de todo um sistema funcional. Assim afirma Luria (1981) : “A afasia modifica um sistema funcional, ou vários”, o que leva a formular seis formas de afasia, a saber:

1. Afasia Motora Aferente – que deriva de alterações nos esquemas aferentes de produção de gestos articulatórios; associada à lesão nas partes inferiores do córtex retrocentral esquerdo (parte posterior do córtex). Trata-se da combinação de um movimento com outro para produzir os gestos articulatórios.
2. Afasia Motora Eferente – que deriva da desintegração da organização em série de melodias cinéticas envolvidas dos gestos articulatórios; associados à lesão nas partes inferiores da área pré-motora esquerda (corresponde à afasia de Broca com o agramatismo).
3. Afasia Semântica – que deriva de alterações na síntese simultânea de significados que se relacionam (dificuldade, por exemplo, de compreender a relação indireta que resulta da expressão irmão do pai

que não significa nem pai nem irmão, mas tio) e está associada a uma lesão na área têmporo-parieto-occipital esquerda.

4. Afasia Sensorial – (corresponde a afasia de Wernicke) que deriva de alterações na percepção audioverbal e está associada a uma lesão na parte supero-posterior do lobo temporal esquerdo.
5. Afasia Acústica – Amnésica – cuja lesão afeta as áreas secundárias responsáveis pelo reconhecimento audioverbal e está associada a uma lesão no lobo temporal esquerdo.
6. Afasia Dinâmica – que afeta a tomada de iniciativa verbal e conseqüentemente o discurso narrativo. Está associada a uma lesão no lobo frontal, na circonvolução, causando inércia em processos nervosos ligados ao sistema verbal.

A constituição do conceito de afasia sensorial inaugura a participação de disciplinas não médicas no estudo das afasias, como a linguística, baseando-se das ideias de Roman Jakobson.

Jakobson foi um dos primeiros linguistas a estudar o fenômeno afásico. Nos seus dizeres “compreender a natureza e a estrutura do modo particular de comunicação que parou de funcionar” (FLORES et al, 2008). Deve estar em primeiro lugar no estudo das dificuldades de linguagem. Ele toma como base, em seu trabalho a descrição neuropsicológica dos fenômenos afásicos feitos por Luria (1981). Jakobson coloca a noção de comunicação, como fundamental ao explicitar a sua visão sobre a relação linguagem e contexto social (FLORES et al, 2008).

Para Jakobson, Luria deve ser apontado como exemplo de um neurologista que aplica os conhecimentos linguísticos para o tratamento da afasia. Para o médico russo, a afasia sensorial, por exemplo, diz respeito a um problema na capacidade de percepção fonêmica, e não a uma deficiência nas percepções auditivas. Limita-se, na realidade, à desordem da percepção fonêmica, para que a síndrome dessa deterioração fosse submetida à análise linguística pura. Diante disso, segundo Jakobson, oferecem fundamentos válidos de uma integração das investigações médicas e linguísticas sobre a patologia da linguagem (FLORES et al, 2008).

Segundo Flores et al (2008), a partir desta classificação de Luria das afasias, Jakobson passa a descrever o ponto de vista linguístico, esta parte do trabalho será aprofundada posteriormente através de três pares de dicotomias: 1) desordem de codificação/desordem de decodificação, 2) limitação/desintegração e 3) sequência\concorrência, associadas a distintas áreas cerebrais lesionadas. A partir deste momento, Jakobson (2010) começa a embasar teoricamente sua proposta de estudo da afasia tanto na área linguística quanto na médica. E traz autores que defendem o estudo da linguagem como fonte primordial nos tratamentos de distúrbios da linguagem.

Freud inaugura seus estudos sobre afasia no ano de 1891, na época atuando como neurologista (Freud, 1977). Começa refutando a descrição sobre parafasia relacionada à afasia sensorial descrita por Wernicke em seus pacientes. Considera que seria mais apropriado descrever o discurso de partes fixas e repetidas, do paciente de Wernicke, como um discurso pouco dotado e repleto de impulsos de linguagem. Assim, em sua percepção, a afasia sensorial ultrapassa as características da parafasia (distúrbio da linguagem em que acontece substituição de uma palavra por outra inadequada, porém com um aspecto relacional). Freud (1977) também observou que a parafasia está presente em pessoas sem alterações neurológicas e se constitui um sintoma ou sinal de alteração funcional, o que ele denomina aparelho associativo da linguagem.

Assim, Freud (1977) constatou que o fato “que algo escapa” pode ocorrer em “momentos de stress”, seja emocional ou físico. Seus estudos partiram da leitura de cujos pressupostos questionaram e sinalizaram para contrapontos relacionados ao desenvolvimento de suas proposições sobre afasias.

Devido aos seus questionamentos e pesquisas, Freud (1977) passa a considerar o diagnóstico da afasia como uma perturbação da linguagem, cuja localização da área lesada, apenas, não pode determinar o diagnóstico, mas afirma que o fato preponderante está nas impressões diagnósticas. É por excelência, no funcionamento do aparelho de linguagem. Dessa forma, para Freud (1977), a rica sintomatologia das afasias aponta para um estudo do aparelho de linguagem, resultando numa perturbação funcional, fato que não

permite esclarecer tais ou quais sintomas, unicamente através da localização da lesão.

Freud (1977) levanta então a hipótese da existência de dois tipos de afasia: a **afasia verbal** onde estão comprometidas as associações entre cada um dos elementos da representação da palavra e a **afasia simbólica** onde está comprometida a associação entre cada um dos elementos da representação da palavra e da representação do objeto. O autor afirma que a estrutura da linguagem afásica, no processo associativo, não se articula em harmonia, impedindo o uso linguístico adequado da metáfora e da metonímia. Assim, Freud (1977) passa a entender a afasia como uma alteração mais estrutural do que propriamente neurológica.

No seu livro “Interpretação das afasias” - afirma que as representações complexas cerebrais não podem ser avaliadas pela teoria da localização, sendo necessário observar os processos cerebrais em toda sua amplitude. O autor apresenta duas hipóteses nas lesões cerebrais que afetam o trabalho de linguagem: 1ª: na ocorrência de processos destrutivos, o aparelho de linguagem, resultado numa perturbação funcional da linguagem; 2ª, no caso de uma lesão menor, a resposta seria uma redução da funcionalidade da linguagem em geral.

Nos trabalhos de Freud (1977) sobre a discussão da afasia, o fato importante é o olhar para uma afasia sem o estigma da doença, ou para a afasia, não como um fato simplesmente neurológico, na medida em que ele a localiza no cruzamento entre atividade cerebral e funcionamento da linguagem (FREUD, 1977).

Segundo Morato et al. (2001), nessa perspectiva da atividade cerebral e funcionamento da linguagem, está a Neurolinguística, que se destaca na semiologia, como ciência geral dos signos. Lançada por Ferdinand Saussure, uma semiologia própria das afasias, que correspondem ao estudo dos traços da linguagem afásica, isto é, dos traços que são significativos na afasia. Esses traços podem estar presentes em pessoas não afásicas, porém nos afásicos ocorrem com maior frequência e gravidade. São descritos: as parafasias (semânticas e fonêmicas), associação semântica (garfo em lugar de faca),

agramatismo (perda de categorias), entre outros. Ressalta que o conteúdo semântico cultural individual e, até quem sabe, a falta de vivência diária comunicativa (como nos idosos) são fatores que podem ser representativos na dificuldade afásica.

Morato et al. (2001) acrescenta que, geralmente, está associado à afasia, distúrbio cognitivo e de ordem neurológica motora, como agnosia (incapacidade de reconhecer os objetos) e a hemiplegia (um déficit de uma metade do corpo, do rosto) respectivamente. Alterações psíquicas como depressão e agressividade podem surgir em intensidades e formas variadas (MORATO, 2001)

Posteriormente, abordar-se a afasia com foco na linguagem, perspectiva deste trabalho.

1.2. O ASPECTO LINGUÍSTICO DA AFASIA

Nesta parte do trabalho, deixa-se a visão organicista da Afasia para estudar os aspectos linguísticos da mesma.

A linguagem é uma função cerebral que desempenha um papel fundamental em nossa vida, pois é a principal ferramenta para interagir e formar vínculos com outras pessoas, seja por meio de sons, sinais, gestos ou expressões faciais.

Como já foi dito no item anterior, a afasia é uma alteração da linguagem expressiva ou receptiva decorrente de uma lesão cerebral. É caracterizada por redução e disfunção que se manifesta tanto no espaço expressivo quanto receptivo da linguagem oral e escrita, embora em diferentes graus em cada modalidades (MAC-KAY et al., 2003).

Ao longo das pesquisas sobre a afasia, outros trabalhos surgiram dando um novo olhar, pesquisas indicam a existência de manifestações linguísticas. Encontram-se pesquisadores, como o caso de Coudry (2001) que, ao

conceituar Afasia, considera a linguagem como foco principal no estudo da afasia.

A afasia se caracteriza por alterações de processos linguísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista linguístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação (COUDRY, 2001, p. 5).

O objetivo de Coudry (2001) no estudo da afasia consiste em investigar os processos linguísticos alterados e destacar nestes as estratégias específicas que cada sujeito desenvolve frente a estas alterações.

O interesse pelo estudo das afasias tem sido o de investigar, por meio do acompanhamento longitudinal e da análise dos mecanismos linguísticos-cognitivos, os processos de significação alterados e quais as alternativas de que o sujeito lança mão na superação de suas dificuldades.(.....) (MORATO, 1999, p. 132).

Coudry (2001) segue um modelo de estudo longitudinal, que se dá através do acompanhamento de cada sujeito afásico, por tempo indeterminado, a fim de que possam ser observadas as modificações linguísticas ocorridas, tornando possível, desta forma, a investigação da linguagem de cada sujeito, e não apenas uma simples rotulação de acordo com classificações afasiológicas. Para Coudry (1999), tais classificações não permitem compreender as características linguísticas do sujeito, o que só é possível ser observado através de análises orientadas discursivamente sobre situações de funcionamento da linguagem, situações que a linguagem aparece em funcionamento.

Coudry (1999), procura não apenas descrever os desvios da linguagem do afásico, uma vez que, para ela não existe um sujeito médio ideal, que possa servir de padrão, mas também por ter como objetivo observar e investigar quais e como são as estratégias utilizadas pelo sujeito afásico de acordo com suas dificuldades; como ressalta Coudry (1999, p. 86):

...aprender no discurso verbal e mental (mesmo quando fragmentário) os modos pelos quais o sujeito afásico organiza e estrutura os recursos expressivos de que dispõe ou os mecanismos alternativos pelos quais ele supre suas próprias dificuldades, de descobrir, pelos

indícios de sua fala e pelas suas manifestações explícitas, as hipóteses que ele mesmo faz a respeito dessa estruturação e dos mecanismos que ele põe em jogo para produzir significações de definir com acuidade o lugar de suas dificuldades... (COUDRY, 1999, p. 86).

Desta forma, seu estudo analisa as produções linguísticas de um mesmo sujeito em momentos e situações diferentes, o que torna possível através do estudo longitudinal. Assim em cada sessão, estratégias diferentes são propostas ao sujeito afásico, a fim de observar o funcionamento de sua linguagem.

Jakobson é o primeiro autor a estudar a Afasia sob o ponto de vista linguístico, enfocando o funcionamento da linguagem. Por este motivo, dedica-se um item do trabalho à sua teoria.

Roman Jakobson na conferência sobre fala, linguagem e comunicação na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, em 1963, onde oralmente apresenta seu trabalho intitulado “Tipos linguísticos da afasia”, enfatiza que a linguística não via os distúrbios de linguagem como algo a ser trabalhado em sua área. Na atualidade, é fundamental que a linguística se encarregue de analisar a afasia (FLORES et al. 2008). Como diz Jakobson:

A participação de linguistas em tal pesquisa mostra-se importante para o estudo da afasia, por um lado, e para a linguística em geral, por outro, porque obviamente existe uma íntima inter-relação entre problemas de linguagem normal em funcionamento, linguagem em construção, por exemplo, aquisição de linguagem pelas crianças, e a desintegração da linguagem, exemplificada pelos vários tipos de distúrbios afásicos (JAKOBSON, 1963, p. 307).

Ainda nas palavras de Jakobson (1963, 2010):

se a afasia afeta nossa linguagem única ou primordialmente, é a ciência da linguagem que deve oferecer a primeira tentativa de resposta conforme o tipo de afasia encontrado em qualquer que seja o caso (JAKOBSON, 1963, p. 308).

[...] se a afasia é uma perturbação da linguagem, como o próprio termo sugere, segue-se daí que toda descrição e classificação das perturbações afásicas deve começar pela questão de saber quais aspectos da linguagem são prejudicados nas diferentes espécies de tal desordem (JAKOBSON, 2010, p.42).

Para esse autor, as funções linguísticas ficam desorganizadas ou severamente limitadas, de acordo com o nível de lesão do sistema nervoso central e, conseqüentemente, restringem as interações sociais e familiares (JAKOBSON, 2010). É importante relatar que a afasia ocasiona uma limitação muito importante, abrangendo o plano pessoal, social ou econômico. Muitas vezes, a afasia é responsável por mudanças em relação ao próprio temperamento e ao jeito de ser a maioria dos sujeitos afásicos passa a ter uma autoestima baixa que, provavelmente, surge em decorrência da impossibilidade para efetivar uma comunicação.

Jakobson (2010) afirma que o estudo das afasias tem que priorizar o conhecimento dos aspectos da linguagem, que estão comprometidos nessa desordem e compreender a natureza e a estrutura singular do processo comunicativo interrompido.

Considera-se, então a linguística, efetivamente, como uma contribuição importante para o estudo das afasias, posto que, dentre os fenômenos afásicos, a desintegração do sistema fônico e gramatical diz respeito ao campo da linguística. “A linguística interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos, pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução e pela linguagem em dissolução” (JAKOBSON, 2010, p. 34). Nesta perspectiva, se apoderar dos eixos de composição da linguagem (Seleção/Combinação), torna-se essencial, para uma análise linguístico-discursiva da Afasia.

1.3. Jakobson: a Linguagem e os Eixos de Seleção/Combinação

Nesta parte do trabalho apresenta-se um estudo sobre os eixos da linguagem de acordo com as ideias de Jakobson, abordando o estudo da afasia no aspecto linguístico.

A seleção e combinação de unidades linguísticas, que compõem um repertório lexical, para se tornar uma linguagem necessitam da competência comunicativa entre os interlocutores, como cita Jakobson (2010): “Assim para ser eficiente, o ato da fala exige o uso de um código comum por seus participantes” (JAKOBSON, 2010, p. 37).

Os distúrbios de linguagem alteram a capacidade do sujeito em realizar as operações de seleção e combinação, o que pode ser considerado de suma importância na descrição diagnóstica da afasia (JAKOBSON, 2010). Logo se percebe que o sujeito afásico sofre uma modificação nessa capacidade, interferindo em suas atividades globais. Desta forma, o linguista evidencia um outro modelo na análise e classificação das afasias (JAKOBSON, 2010).

Jakobson no seu artigo “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de Afasia” retrata a afasia com um nova perspectiva partindo do funcionamento da linguagem. Para esse autor, a afasia é uma perturbação da linguagem. Nesta perspectiva de funcionamento da linguagem, a afasia é vista como, acima de tudo, uma disfunção da linguagem, na qual nenhum diagnóstico pode ser feito sem um competente exame linguístico (FLORES et al., 2008).

Ainda neste mesmo artigo “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de Afasia”, o autor refere-se ao trabalho de Goldstein, ao definir o afásico do tipo 1 como portador da incapacidade de seleção e substituição, restando a possibilidade de contextualizar, o que, neste caso, seria imprescindível. Os afásicos podem apresentar perturbações que envolvem outros aspectos relacionados à seleção e substituição como a similaridade, causando diferentes sintomas. O afásico tipo 2, como portador da incapacidade de contiguidade, impossibilitando de fazer combinações de unidades linguísticas, torna-se incapaz de produzir um discurso, ao menos coerente. Nesse tipo, as funções de significação e distinção, que constituem um aspecto singular da linguagem, podem estar comprometidas em diferentes níveis, portanto afetando o contexto (FLORES et al., 2008).

Segundo Jakobson (2010), a afasia é o resultado de alteração na capacidade de seleção e substituição, o que deteriora as operações metalinguísticas; ou a capacidade de combinação e contexto, que impossibilita a preservação da hierarquia das unidades linguísticas para o discurso.

No sujeito afásico está comprometida a sua capacidade de usar metáforas (similaridades) e ou metonímias (contiguidade) afetando o desenvolvimento do seu discurso por estas duas vertentes semânticas (JAKOBSON, 2010; FLORES et al., 2008).

Sendo assim, Jakobson (2010) observa que os polos metonímicos e metafóricos estão sempre presentes e em constante estado de alternância na linguagem. Podem revelar características de seu comportamento através da predominância de um dos processos. O autor reforça essa afirmação com as seguintes observações:

A estrutura bipolar da linguagem (ou de outros sistemas semiológicos) e, no caso da afasia, a fixação num desses pólos com exclusão do outro estão a exigir um estudo comparativo sistemático. A permanência de um ou outro desses pólos nos dois tipos de afasia deve ser relacionada com a predominância do mesmo pólo em certos estilos, hábitos pessoais, modas correntes etc. Uma análise atenta e uma comparação desses fenômenos com a síndrome completa de especialistas em psicopatologia, psicologia, linguística, poética e semiótica, a ciência geral dos signos (JAKOBSON, 2010, p, 73).

O autor afirma que a predominância de um desses dois processos no discurso do afásico está relacionada aos costumes anteriores do indivíduo. Realça a constância e alternância da metonímia e a metáfora, que é manifestada no processo simbólico e social do sujeito (FLORES et al., 2008).

Segundo Flores (et al., 2008), Jakobson trata dos eixos metafórico e metonímico pela proximidade de dois tipos de afasia com essas figuras de linguagem. Ele traz os eixos sintagmático e paradigmático de Saussure para metafórico e metonímico, respectivamente. Afirma que o funcionamento da linguagem é o resultado da articulação dos eixos da seleção (metafórico) e o eixo da combinação (metonímico). Para Jakobson (2010), esses dois eixos se referem ao duplo caráter que a linguagem apresenta. Ou seja, a fala se realiza através de dois modos, a seleção e a combinação. A seleção ocorre através de certas unidades linguísticas (seleção de traços distintivos e fonemas), enquanto que a combinação ocorre por meio de unidades linguísticas mais complexas (combinação de palavras, frases e enunciados).

Como afirma Jakobson (2010):

Falar implica a seleção de certas entidades linguísticas e sua combinação em unidades linguísticas de mais alto grau de complexidade. Isso se evidencia imediatamente no nível lexical: quem fala seleciona palavras e as combina nas frases, de acordo com o sistema sintático da língua que utiliza; as frases, por sua vez, são combinadas em enunciados. Mas o que fala não é de modo algum um agente completamente livre na sua escolha de palavras: a

seleção (exceto nos raros casos de efetivo neologismo) deve ser feita a partir do repertório lexical que ele próprio e o destinatário da mensagem têm em comum (JAKOBSON, 2010 p. 43).

Segue, a seguir, um esquema explicativo dos eixos de seleção e combinação, elaborado por Azevedo (2000).

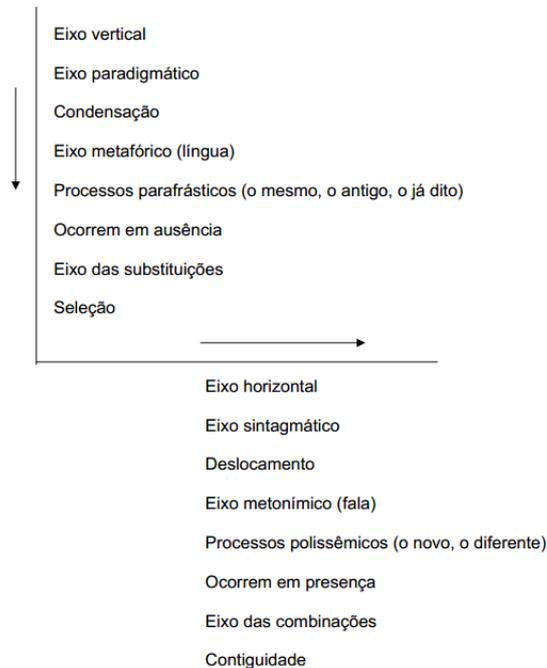


Figura 02: Esquema explicativo dos eixos de seleção e combinação (Fonte: Azevedo, 2000, p. 30).

Diante do esquema de Azevedo (2000), apresentado acima, nota-se que Jakobson faz uma relação destes eixos sintagmáticos e paradigmáticos para explicar a relação dos distúrbios do afásico a partir do olhar linguístico. Quanto ao funcionamento da linguagem (similaridade e contiguidade), o autor afirma que os sujeitos afásicos apresentam problemas em, pelo menos, um dos eixos. (FLORES et al., 2008). Quando o eixo vertical está comprometido (similaridade), o sujeito afásico apresentará uma alteração na capacidade de seleção, substituição. Neste caso, o afásico irá trocar a palavra garfo por faca, por exemplo, substituindo a palavra por outra semelhante. Já no eixo horizontal, no distúrbio da contiguidade, o afásico terá dificuldade na combinação, mas sua compreensão fica preservada.

Segundo Oliveira (2008), no distúrbio da contiguidade (de combinação) tem-se a afasia de Broca, o sujeito afásico tem a ausência total ou parcial da

fala, mas sua compreensão foi preservada. O sujeito fala pouco de uma maneira lenta e silábica. Apresenta também as parafasias fonéticas, com a dificuldade em imitar fonemas ou executá-los. No aspecto da escrita, a mesma pode apresentar-se alterada, pois na maioria dos casos pode ocorrer hemiplegia direita. Podem acontecer alterações na escrita parecidas com as alterações da linguagem oral, podendo ter troca de fonemas ou distorções nos traçados das letras. Em se tratando da leitura, se for realizada em voz alta, o sujeito afásico apresentará uma deficiência, com muitos erros na produção oral embora a leitura no modo silencioso não tenha sido afetada.

Os afásicos no distúrbio de contiguidade apresentam uma deficiência na seleção de combinação e contextura. A palavra passa a ser a unidade linguística mais preservada, porém há falhas na combinação entre elas. “A relação entre a palavra e seus constituintes reflete a mesma desordem, ainda que de maneira um pouco diferente”, os enunciados passam a ser um “monte de palavras” apresentando uma fala telegráfica (JAKOBSON, 2010, p.63). Segundo Jakobson (2010, p. 64):

Quanto menos uma palavra depender gramaticalmente do contexto, tanto mais forte será a sua persistência no discurso dos afásicos com distúrbio da função de contiguidade (JAKOBSON, 2010, p. 64).

Assim, o sujeito afásico recorre a metáforas para enunciar, utilizando da seleção de palavras já que não sofreram alteração no seu falar. Por exemplo, “óculos de alcance” por “microscópio,”fogo” em vez de “luz de gás” . Ocasionalmente na fala do afásico um discurso telegráfico (JAKOBSON, 2010).

O doente limitado ao grupo de substituição (quando o contexto é falho) usa as similitudes, e suas identificações aproximadas são de natureza metafórica, em oposição às identificações metonímicas familiares aos afásicos do tipo oposto (JAKOBSON, 2010, p. 64/65).

Ainda se tratando do distúrbio de contiguidade, tem-se a característica das palavras derivadas da mesma raiz, como “grande”, “grandeza”, “grandioso” que os sujeitos afásicos tendem a abandonar as palavras derivadas ou então a

combinação de uma raiz com o sufixo ou o composto de duas palavras, tornando incompreensível sua fala (FLORES et al., 2008).

De acordo com Jakobson (2010), no distúrbio da similaridade, a principal dificuldade é a deficiência na seleção das palavras. Os sujeitos com esse tipo de distúrbio não conseguem substituir uma palavra por outra, não conseguem iniciar um diálogo e têm dificuldade em compreender um discurso fechado, como um monólogo.

Na afasia de Wernicke, o sujeito afásico apresenta um discurso fluente, porém com muitas parafasias (substituição de uma palavra por outra), neologismos e jargões. Embora na escrita apresente uso correto das letras, sem alterações não consegue formar palavras com significado, e na leitura sua compreensão se encontra afetada, com este distúrbio os afásicos se com este tipo de afasia se encontram no Distúrbio da Similaridade (OLIVEIRA, 2008).

Sendo assim, o afásico com o Distúrbio da Similaridade, não conseguirá pronunciar a palavra faca, mas de acordo com a situação contextual, irá designar faca como talher, isto é não utilizara a palavra exata, mas a função do objeto. O mesmo acontece, quando é apresentado ao afásico um objeto pedindo para lhe dizer o nome. Ele não consegue, mas pode dizer para que serve o objeto. Ou seja, ele conhece o objeto, mas não consegue denominá-lo (OLIVEIRA, 2008).

Outra característica do Distúrbio da Similaridade é a perda da metalinguagem, ou seja, a dificuldade em denominar. Esta linguagem não pode ser executada no afásico porque a substituição e a similaridade estão prejudicadas. O afásico não consegue passar de uma palavra para um sinônimo (OLIVEIRA, 2008).

Diante disso, um sujeito afásico que apresenta uma alteração na seleção, mas no contexto de sua fala não sofre alteração, apresenta o Distúrbio da Similaridade, recorrendo à metonímia para produzir seu discurso. A capacidade de seleção foi afetada, mas a combinação ainda é preservada. Sendo assim, no afásico com este tipo de afasia (Wernicke), a contiguidade é que vai determinar o seu comportamento verbal, embora a maioria dos

Fonoaudiólogos, Linguistas e Psicanalistas ainda não apresentam um consenso sobre essas questões, como será explicitado no capítulo seguinte.

1.4. A Visão dos Fonoaudiólogos, Linguistas e Psicanalistas sobre a Linguagem do Afásico

Neste item será apresentada a visão complementar de três áreas do conhecimento sobre a afasia: fonoaudiologia, psicanálise e linguística, destacando que todas ressaltam a importância da linguagem na discussão sobre afasia. Retrata-se a preocupação com a fala do paciente, levando esses profissionais a estabelecer relações com a linguística, que é a ciência que estuda a linguagem verbal humana (ARANTES, FONSECA, 2006).

É comum encontrar o estudo da afasia, conduzido pelos fonoaudiólogos, enfocando os aspectos patológicos, ou seja, restrito aos aspectos orgânicos. Porém, já se encontram fonoaudiólogos que trabalham com o aspecto prioritário da linguagem, a exemplo de: Vieira (1992), Arantes (2001) Fonseca (1995) entre outros, que trouxeram grande contribuição para a clínica fonoaudiológica.

A grande preocupação do fonoaudiólogo é com a fala. Isso fica evidente nas palavras da linguista Lier-de-Vitto (1995, p. 166) que afirma “o fonoaudiólogo deve avaliar o que acontece com a fala do seu paciente. Quer dizer, é compulsório não desviar o olhar da linguagem. Por esta razão, a fonoaudiologia não pode evitar um encontro com a linguística”.

A autora Lier-de-Vitto (2006, p. 184) fala de uma clínica de linguagem “a clínica é um espaço instituído pela presença de um sujeito que tem uma queixa sobre sua fala (e sobre sua condição de falante) e que dirige uma demanda a um outro, que é por isso, investido da capacidade de produzir mudanças.

A Clínica de Linguagem filiada ao Interacionismo proposto por De Lemos (1992-2002) propõe-se a lidar com o *enigmático da fala sintomática* enquanto desafio para o outro terapeuta, não como aplicação de um saber prévio, mas com um “não-saber” diante de um acontecimento linguístico singular. Busca-se

assim, inferir a relação sujeito/língua/fala como sugere De Lemos (2002) para agir. A partir desta filiação, assume-se na clínica o processo de subjetivação como solidário ao de estrutura de linguagem, o que nos leva - ou como efeito do - ao diálogo com outras áreas, mais precisamente com a Aquisição de Linguagem, a Linguística e a Psicanálise. Diálogo numa via contrária a de aplicação, pois cada área, e dentre elas a clínica de linguagem, tem como objeto que lhe faz (ou deveria fazer) questão. Acompanhamos Lier-de-Vitto (2006, p. 192) em sua fala: “Questão por que se busca construir uma clínica teoricamente orientada por uma reflexão sobre a fala e a linguagem: uma reflexão que implica a ordem própria da língua na discussão sobre o sujeito em sua fala sintomática”.

Segundo Fonseca (1995) tem que ser reconhecida outra concepção de clínica: aquela que dá “voz e vez à fala em sofrimento, que faz sofrer um sujeito”. Fonseca apresenta os seguintes itens de destaque para essa nova concepção de clínica de linguagem:

- a) A singularidade de cada paciente e sua fala;
- b) A heterogeneidade no (de cada) caso;
- c) A necessária articulação entre teorias e “ações clínicas”;
- d) A impossibilidade para um leigo de conduzir um atendimento;
- e) O distanciamento /ruptura como propostas de reeducação.

A autora fala que a clínica que traz os procedimentos de entrevista, avaliação de linguagem e direção de tratamento delinea um ponto de vista segundo o qual a clínica de linguagem é instituída, ao mesmo tempo, por uma teoria e por uma escuta particular para a fala (FONSECA, 1995).

Para Fonseca (1995), é na entrevista que o afásico “é chamado a falar” com as condições de fala que tem. Assume-se, assim, que a “entrada” na clínica de linguagem deve implicar o sujeito e(em) seu sofrimento. Sendo assim, os sintomas da linguagem do afásico, não permitem prescindir a clínica, levando em conta sua singularidade. Lembrando que ao convocar os pacientes para entrevistas, não se exclui considerações caso a caso, sem perder de vista que o compromisso da clínica de linguagem é com o afásico e sua fala.

Na perspectiva teórica da linguística como foco no trabalho da afasia, surgem autores como Lier-de-Vitto; Arantes (2006), que descrevem a importância da existência do diálogo com o sujeito afásico, acreditando que, nas clínicas de linguagem, não se deve ignorar as queixas daquele sujeito pelo fato de apresentar um déficit linguístico. Pelo contrário, a palavra queixa do doente deve estar em primeiro lugar sob o olhar profissional, ajudando, dessa forma, o cliente a expor suas angústias, para superar suas dificuldades.

Outros autores, como as fonoaudiólogas Fonseca (1995) e Vieira (1992) defendem que a linguagem deve ser mais trabalhada no campo do tratamento da afasia, já que os médicos tratam do problema, como concepções do funcionamento cerebral. A linguagem é desprovida de “interesse teórico” e o médico delega um “fazer clínico” ao fonoaudiólogo. Diante disso, parece confirmar a hipótese de que ainda não explicitamente admitida, “a linguagem é espaço desconhecido no campo da medicina”. Portanto, entende-se que os fonoaudiólogos são incumbidos do restabelecimento da linguagem. Se na clínica médica está atrelada ao funcionamento cerebral, na clínica fonoaudiológica, ela deve ser uma referência ao sintoma na linguagem.

Vieira (1992) retrata que os fonoaudiólogos cedem ao discurso organicista da causalidade. Em outras palavras, eles não rompem com o discurso da relação cérebro/linguagem, utilizada por grande número desses profissionais. A autora comenta que as atividades dos fonoaudiólogos dão espaço a atividades linguísticas. O que se pretende colocar em relevo é que a afasia deve tornar-se um problema na área da patologia e clínica de linguagem.

Convém destacar que existem profissionais que utilizam o discurso linguístico-discursivo na clínica fonoaudiológica, dando importância à linguagem do sujeito afásico, não ficando apenas no sintoma da sua doença. Na clínica de linguagem a preocupação se dá nas situações em que a linguagem é produzida, sendo o objetivo, a completa autonomia discursiva do sujeito. Ou seja, o fator principal é a fala do sujeito, é colocar o afásico no lugar de falante. Nesta perspectiva de clínica de linguagem, entendemos que a afasia e o sujeito afásico devem ser olhados a partir da fala sintomática do afásico.

Para Lier-de-Vitto (2006 p. 185), “sintoma é definido como um acontecimento na fala que exprime a prisão de um sujeito numa fala ou falha, e o impede de passar outra”. Com isso, de acordo com essa autora, sintoma difere de erro, pois o sintoma é “aquilo que leva o sujeito à clínica”, portanto produz um sofrimento. Ou seja, o sintoma na fala faz com que o falante sofra. A partir desse sofrimento, o sujeito se isola dos outros falantes da língua. Lier-de-Vittor, Fonseca e Landi (2007, p. 21) destacam que:

A presença do sintoma na fala, descostura o laço social porque coloca em cena uma fratura, tanto na ilusão de semelhante quanto no imaginário de que se é senhor da palavra (LIER-DE-VITTOR, FONSECA E LANDI, 2007, p. 21).

Lier-de-Vittor, Fonseca e Landi (2007) afirmam que uma fala é sintomática quando a mesma “manifesta um desarranjo persistente na articulação do significante”, e/ou quando “uma fala sempre frustra uma expectativa no instante em que é proferida”.

Ao procurar a clínica fonoaudiológica, o afásico enuncia um sintoma na fala, sendo este o motivo da consulta, exigindo uma posição de quem escuta (LANDI, 2006). Essa clínica, é um espaço onde há a presença de um sujeito que tem uma queixa sobre sua fala e que dirige uma demanda a um outro (LIER-DE-VITTOR, 2006).

Segundo o psicanalista Vorcaro (1999) a linguagem faz parte da constituição do sujeito. “O ser vivo está imerso na linguagem, enxame de significantes produzido no campo do Outro” Ela está lá antes mesmo da nomeação do ser, antes do seu nascimento.

É um equívoco considerar que o sujeito com o qual a psicanálise opera é uma substância individual, sujeito psicológico. O sujeito é o efeito da divisão própria ao funcionamento da linguagem, portanto, não pré-existe a ela (VORCARO, 1999, p. 20).

A linguagem o localiza e o inscreve em sua ordem, além de o dividir ao instituí-lo como ser-de-linguagem. É nesse ponto que ao ser inserido numa linguagem simbólica, que se faz a aposta num vir-a-ser (sujeito), aposta que é, portanto constitutiva/ estruturante: Trata-se de seguir a trilha pela qual a

unidade biológica de um ser (re) veste o lugar de coisa operada por uma alteridade estruturada [...] (VORCARO, 2002).

Portanto convém destacar que os profissionais que utilizam o tratamento do afásico através da linguística, está dando importância ao sujeito afásico, dando destaque a sua fala, o sujeito afásico utilizado na categoria de falante. Desta forma, fica evidente através das contribuições de diversos pesquisadores que se faz necessário analisar a afasia com uma abordagem linguístico-discursiva, compondo o que se denomina, atualmente, de clínica de linguagem. Nesta perspectiva, a teoria de Análise do Discurso de Linha Francesa representa uma alternativa de mudanças de paradigmas no que se refere à eficiência das intervenções terapêuticas nos sujeitos afásicos.

1.5. Análise do Discurso: teoria e procedimentos analíticos

Este capítulo traz à tona o avanço Científico da Análise do Discurso de Linha Francesa (AD), apresentando os pilares conceituais da AD, que serão utilizados neste trabalho. Da mesma forma, ela será compreendida como procedimento metodológico, já que traz o instrumental necessário para este fim.

Alguns dos conceitos trabalhados na Análise do Discurso, a exemplo de condição de produção, sujeito discursivo, sentido, relação de força, formação discursiva, formação ideológica e memória discursiva, que serão utilizados nesta pesquisa como elementos de análise, serão discutidos a seguir de forma reflexiva e aplicada aos objetivos propostos por esse trabalho.

Primeiramente, destaca-se o que é o discurso para AD, que, segundo Orlandi (2011), tem a ideia de “curso, percurso, de correr por, de movimento”. O discurso é um evento interativo que expressa o pensamento materializado em uma estrutura escrita ou oral.

Para Possenti (2009) o discurso se constitui pelo trabalho com e sobre os recursos de expressão, que produzem determinados efeitos de sentido e condições de produção. Para Pêcheux, o discurso é o efeito de sentidos entre

os interlocutores. Já para Orlandi (2012), o discurso é a palavra em movimento, prática de linguagem, ressaltando que com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

O discurso tem seu funcionamento, suas regularidades, que se ligam ao social e ao histórico. Sendo assim, no funcionamento da linguagem, dá-se a produção de sentidos e a constituição do sujeito, pois ambos são afetados pela língua e pela história. Pode-se ressaltar, então que “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados” (ORLANDI, 2011 p. 21). Esses efeitos de sentidos emanam de dizeres que estão dentro de uma condição de produção, a qual vai compreender o sujeito, a situação, a história e a memória, sendo este o interdiscurso (ORLANDI, 2011).

Foucault (2012, p. 22) no seu livro “A Ordem do Discurso”, diz que nas sociedades há regularmente um tipo de desnivelamento entre os discursos, pois estes:

... passam com o ato mesmo os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, ou transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que indefinidamente, para além de sua formação, são ditos e estão ainda por dizer... (FOUCAULT, 2012, p. 22).

Isto acontece nos textos que já se conhece culturalmente, como na linguagem jurídica, religiosa, literária e, estendendo-se mais um pouco, se diria também dos midiáticos. Na mídia, surge a repetição, a transformação, a retomada de muitos discursos já-ditos (ORLANDI, 2012).

Outro mecanismo importante para o estudo da Análise do Discurso é o sujeito. Ressalta-se que o sujeito para AD não pode ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia. Em outras palavras, “o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso a ocupar um lugar” (MUSSALIN, 2006, p. 110).

Segundo Fernandes (2005) o sujeito da AD não é fonte de seu dizer, se encontra atravessado por várias vozes, se manifestando no seu discurso. O

sujeito é constituído da interação social com outras vozes, constituído por uma heterogeneidade de discursos. Para AD, o discurso sempre é heterogêneo, quando se fala de heterogeneidade, refere-se a discursos outros que interpelam e constituem o sujeito (GREGOLIN, 2003).

Constata-se que o sujeito tem um caráter interdiscursivo, pois apresenta diferentes discursos, vindos de diferentes lugares. Isto constitui o sujeito discursivo que produz sentido no jogo das formações discursivas.

A noção de formação discursiva emprestada de Foucault ganha espaço, o que leva a começar explodir a “máquina estrutural” de Pêcheux, pois com a formação discursiva, identificam-se os discursos transversos, introduzindo-se assim a noção de interdiscurso. Além disso, se reconhece a formação discursiva como o lugar da constituição do sentido, do qual se vincula também a constituição do sujeito (ORLANDI, 2012).

Para Courtine (2006), uma formação discursiva é constantemente invadida por outras formações discursivas, muitas vezes sob a forma de um discurso transverso. Daí surge o interdiscurso, que “(...) é um conjunto complexo de discursos que serve como material discursivo original” (COURTINE, 2006, p. 69).

Nesse sentido, em cada texto produzido, em cada enunciado oralizado ou escrito, há a presença de várias vozes e o sujeito. Pode-se dizer que na verdade, é constituído historicamente pelo outro.

Brandão (2004, p. 95) considera que “é a memória discursiva que torna possível em toda formação discursiva fazer circular formações anteriores, já enunciadas”. Esse tipo de memória leva a perceber o enunciado inscrito na história. Dessa forma, os gêneros discursivos se relacionam com a memória discursiva, e contribuem para a formação do sujeito, constituindo a sua identidade no meio social.

A partir da afirmação que toda produção discursiva faz circular discursos pronunciados anteriormente, Bandão (2004, p. 99) conclui que:

a noção de memória discursiva, portanto separa e elege dentre os elementos constituídos numa determinada contingência histórica,

aquilo que, numa outra conjuntura dada, pode emergir e ser atualizado, rejeitando o que não deve ser trazido à tona. Exercendo dessa forma, uma função ambígua na medida em que recupera o passado e, ao mesmo tempo, o elimina com os apagamentos que opera, a memória irrompe na atualidade do acontecimento produzindo determinados efeitos (BRANDÃO, 2004, p.99).

Outro mecanismo de construção da AD é a formação ideológica. A formação discursiva, e a formação Ideológica são conceitos intimamente atrelados. Para Brandão (2004), a formação ideológica tem necessariamente como um dos componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. São as formações discursivas que, em uma formação ideológica específica levando em conta uma relação de classe, determinam o que pode e deve ser dito a partir de certa posição e em uma determinada conjuntura.

Um dos mecanismos de maior relevância na Análise do Discurso de Linha Francesa são as noções de contexto e condições de produção. Elas também apresentam interdependência, sendo o contexto atrelado à condição de produção (ORLANDI, 2012). Assim, considerar as condições de produção em sentido estrito, referente às circunstâncias da enunciação é o contexto imediato. E também o sentido mais amplo, incluindo aí o contexto sócio-histórico e ideológico. Entende-se como contexto imediato, a produção daquele momento, apresentado no discurso através de marcas no próprio texto, atravessando o sujeito e materializando-se na ideologia. Sendo assim, é inconcebível analisar um discurso desconsiderando as condições de produção, uma vez que estão intimamente ligadas à constituição do discurso. Isso quer dizer que o sentido de um enunciado depende das condições históricas e sociais e da situação em que o sujeito que o produz se encontra. Corroborando com o que ressalta Orlandi (2012, p. 39):

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos de relação de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis (ORLANDI, 2012, p. 29).

Orlandi (2012) explica que as condições de produção sugerem o que é material, ou seja, a língua propensa a engano e a historicidade, o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo criado pela imaginação. Esse mecanismo brota imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. É, sem dúvida, todo um jogo imaginário que dirige a troca de palavras. E se fazer interferir a antecipação, este jogo fica ainda mais complicado porque inclui, segundo a autora, “a imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante” (ORLANDI, 2012, p. 40).

Orlandi (2012) alerta para o fato de que não é só o dizer, em si mesmo, que o sentido se estabelece; pois é preciso pensar o sentido a partir das suas condições de produção. Os sentidos não estão nas palavras por elas mesmas, e sim aquém e além delas.

Orlandi (2012) mantém uma postura de que todo discurso é percebido como um estado de um processo discursivo mais vasto, contínuo. Não há na opinião de Orlandi, começo irrestrito nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres desempenhado, idealizados ou admissíveis. “Não é possível pensar na transparência dos sentidos, como se o significado das palavras estivesse a elas colado” (BARONAS; KOMESU, 2008, p.11).

Orlandi (2012) salienta que o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos. Nos processos parafrásticos existe a memória. Para a autora, a paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Já na polissemia, o que temos é o deslocamento, ou seja, ruptura de processos de significação.

Orlandi (2012) afirma que os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em cada dizer há consecutivamente alguma coisa que se mantém, isto é, o que pode e deve ser dito, a memória. Orlandi sustenta que a paráfrase representa deste modo, a volta aos originais espaços do proferir consolidado. A paráfrase está do lado da consolidação.

Sobre a polissemia, Orlandi (2012) afirma que esta trabalha com o ambíguo. Isto significa dizer que a paráfrase e a polissemia, para a autora, são duas forças que jogam ininterruptamente o dizer, de tal maneira que qualquer discurso se pratica nessa tensão, que se processa entre o mesmo e o díspar. Como destaca Orlandi (2012):

ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam (ORLANDI, 2012, p. 36).

Além dos processos parafrásticos e polissêmicos, a ideologia da AD nos leva à exterioridade e extrapolação do discurso. Neste contexto, investiga as pistas que nos leva à filiação do discurso proferido e suas influências passadas, através da apreciação do contexto da filiação da qual o discurso proferido faz parte, o que retrata suas filiações sócio-históricas e formações imaginárias.

Sujeitos envolvidos no processo de interlocução ocupam um lugar no ambiente social e estas posições partem da significação. Isso quer dizer que os interlocutores são constituídos pela linguagem ou na linguagem, e assim como existe entre a palavra e o objeto uma relação simbólica, há também construções nas representações sociais, de acordo com a posição ocupada por cada um dos sujeitos na sociedade, o que em AD se chama formação imaginária. Como afirma Orlandi (1988):

Os mecanismos de qualquer formação social têm regras de projeção que estabelecem a relação de situações no interior do discurso: São as formações imaginárias. O lugar assim compreendido, enquanto espaço de representações sociais, é constitutivo das significações (ORLANDI, 1998, p. 18).

Isso quer dizer que socialmente formam-se imagens uns dos outros. Para Orlandi (1988), o fato de um sujeito estar numa posição, as representações que ele tem é que vão determinar seu formato de ver o mundo e de compreender um enunciado de uma maneira ou de outra.

De acordo com Brandão (2004), num discurso, as relações entre esses lugares, objetivamente definíveis, encontram-se representadas por uma série

de “formações imaginárias” que indicam o lugar que o destinador atribui a si mesmo e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Dessa maneira, em todo processo discursivo, o emissor pode antecipar as representações do receptor e, de acordo com essa presciência do “imaginário” do outro, fundar estratégias de discurso.

Outro mecanismo da Análise do Discurso é o silêncio. O silêncio é o lugar de sentidos que se fazem fora da representação da palavra, mas estão no imaginário humano, nas tramas do que o sujeito aprende e transforma em fantasia e em imaginação.

Orlandi (2002, p. 31) ressalta que “o silêncio, mediando às relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem”. O silêncio significa e re-significa de outras formas, pois o silêncio não é transparência, ele atua na passagem entre pensamento-palavra-coisa.

No seu livro “As formas do Silêncio”, Orlandi (2002) afirma que o silêncio, ao contrário do que se pode pensar, não é ausência, mas significação, fundação. A esse silêncio pode-se chamar silêncio fundador. Mas há também outro viés do silêncio: o silenciamento. A política do silêncio sublinha que o dizer do sujeito esconde sempre outros dizeres, outros sentidos. Os recortes dos dizeres e o procedimento de mostrar uma coisa e esconder outras têm uma conotação política.

O silêncio indica que o sentido também pode ser outro e, muitas vezes, o mais importante é aquilo que não se diz (ORLANDI, 2002). A materialidade significativa do silêncio caracteriza-se como sendo diferente da materialidade significativa da linguagem e é esse o principal fator que influencia na maneira pela qual se produz sentido.

Não há como definir o silêncio apenas considerando a relação sonora (falta de som), mas sim, se pensar em relação à significação. O silêncio, então, significa em si mesmo além de tornar possível toda a significação. Não se pode compreender o silêncio apenas tendo como base o “dito” e “não-dito”, já que, ele não precisa, necessariamente, remeter ao dito para significar, pois

realmente significa por si só. O que se pode notar é que a matéria do silêncio difere da matéria como a conhece na linguagem verbal e, se alguém coloca o silêncio apenas como referente à linguagem verbal, à falta de som, retira dele sua opacidade e espessura, características importantes para este estudo.

Concluindo o capítulo, podemos destacar a importância das concepções trazidas pela AD na relação com o sujeito afásico. Assim, por exemplo, veremos, mais adiante, a antecipação (que faz parte das formações imaginárias) que o sujeito faz do outro, o que o leva a falar mais ou menos, ou ainda, não falar, ser silenciado pelas condições de produção.

A seguir, trataremos do percurso metodológico do trabalho.

CAPÍTULO 2: PERCURSO METODOLÓGICO PARA A COMPREENSÃO DO SUJEITO AFÁSICO

Como sugere o título desta pesquisa “**O trabalho linguístico-discursivo em um Grupo de Convivência de Sujeitos Afásicos**” desenvolveu-se objetivando analisar o discurso dos sujeitos afásicos e a contribuição dos procedimentos analíticos da Análise do Discurso de linha francesa (AD).

Buscando atender aos objetivos propostos, este capítulo, foi dividido em três etapas: **1.** Seleção e caracterização do público; **2.** Caminhos metodológicos de coleta dos dados nos encontros do Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco (GCA-UNICAP); **3.** Análise dos dados coletados, segundo a Teoria da Análise do Discurso de Linha Francesa (AD), tal como fundamentada por Pêcheux e desenvolvida, no Brasil, por Orlandi e seguidores.

2.1. SELEÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir do estudo de sujeitos integrantes do Grupo de Convivência dos Afásicos, no Mestrado de Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP. As atividades do grupo enfatizam o trabalho com a linguagem, seja na modalidade oral ou escrita; bem como oferece um *locus* para discussões sobre a inserção do sujeito afásico na sociedade.

O GCA tem como objetivo promover a interação do grupo e trabalhar o funcionamento da linguagem dos sujeitos afásicos. O grupo foi criado em 2000 pela Prof^a Maria Lúcia Gurgel da Costa e, após a sua saída, assumido pelas professoras Nadia Azevedo e Fátima Vilar, ambas pesquisadoras do PPG em Ciências da Linguagem da UNICAP, obedecendo aos três pilares da

Universidade: ensino, pesquisa e extensão. Os encontros ocorrem de forma íntegra e interdisciplinar, oferecendo atendimento à comunidade de baixa renda, além de alimentar um banco de dados que venha subsidiar pesquisas científicas resultantes de parcerias entre os pesquisadores dirigentes do grupo e alunos dos cursos de Graduação da UNICAP (Letras, Fonoaudiologia, Psicologia) e Pós-graduação stricto sensu (Mestrado em Ciências da Linguagem e Mestrado e Doutorado em Psicologia), sejam da UNICAP ou de outras IES disponíveis a colaborar.

Os sujeitos que participaram desta pesquisa apresentam o distúrbio da similaridade e/ou distúrbio da contiguidade proposto por Jakobson (2010). A avaliação da linguagem é realizada no Laboratório de Linguagem do Mestrado em Ciências da Linguagem (MCL), onde acontecem as reuniões do GCA.

No que se refere à seleção dos sujeitos para compor o GCA da UNICAP e, conseqüentemente, fornecer dados para o alcance dos objetivos dessa pesquisa, foram seccionados, mediante contato prévio com os mesmos ou responsáveis, atendendo aos critérios abaixo, em que os sujeitos devem:

- a) ter o diagnóstico neurológico de Afasia;
- b) participar do Grupo de Convivência de Afásicos do Laboratório de Linguagem do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da IES;
- c) ter mais de 18 anos de idade;
- d) aceitar livremente a participação na pesquisa;
- e) assinar o termo de Consentimento Livre e Esclarecido de acordo com as normativas do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos.

Dentre os integrantes do grupo de convivência dos afásicos, foram selecionados cinco sujeitos que se destacam pelas frequentes tentativas de estabelecerem diálogo com os demais participantes.

Os dados apresentados a seguir referem-se às informações sociolinguísticas dos sujeitos afásicos (a cidade de origem, grau de escolaridade, profissão, religião, idade e inserção social), a origem dos problemas da linguagem, bem como algumas de suas atividades diárias.

Segue abaixo a caracterização dos cinco integrantes:

SUJEITO A:

É brasileiro, do sexo masculino, tem 62 anos, está no segundo casamento há mais de 15 anos, pai de filhos, três homens e três mulheres, fruto do seu primeiro casamento; confessa que desde que se casou pela segunda vez, o relacionamento com seus filhos e sua ex-esposa é complicado, e que eles não têm conhecimento do seu estado de saúde atual, nem tomam conhecimento das dificuldades que ele teve que enfrentar após o seu AVE. Possui o ensino médio completo; trabalhava entregando água para uma empresa, dirigia por toda a cidade do Recife, porém, desde que sofreu o AVE está aposentado. Católico, frequenta a igreja regularmente todos os finais de semana e dias santos, participando de todos os eventos e festas da igreja. O sujeito não sabia que era hipertenso quando sofreu o AVE, em outubro de 2005, quando passou mal após dirigir por horas seu caminhão. Depois desse incidente, ele ficou, aproximadamente, três meses sem conseguir movimentar as pernas, precisou utilizar cadeiras de rodas, ficando acamado a maior parte de seu tempo. Após este período, conseguiu recuperar os movimentos das pernas e a força nos braços. No período de recuperação, passou a realizar fisioterapia e fonoaudiologia. Apresenta distúrbio da contiguidade evoluiu não evidencia alterações ou dificuldades de ordem compreensiva, sendo portador de uma afasia de predomínio expressivo, embora com uma produção oral favorável, apresentando pouca dificuldade para emissão de sua fala. Entretanto, é possível observar algumas hesitações, pausas curtas não preenchidas, alongamentos vocálicos, anomias, estereotípias e repetições. Apresenta discurso claro e coerente, ao responder perguntas abertas ou fechadas, e participa de debates e discussões sobre assuntos de seu interesse. Atualmente, sofreu outro AVE e não está participando do grupo.

SUJEITO B:

É brasileiro, do sexo masculino, tem 61 anos, casado há mais de 31 anos, pai de uma filha. Nasceu no Recife. Possui o ensino médio incompleto e trabalhava no Recife como operador de máquina de refrigeração. Teve o AVC em 29 de janeiro de 2013, estava em casa, foi socorrido imediatamente. Segundo relato da esposa, caiu no chão e ficou falando enrolado. No que se refere aos

sintomas na linguagem, apresenta distúrbio da similaridade, evidenciando parafasias, redução da fala, neologismo, estereotípias, anomia durante o discurso, leitura de palavras isoladas sem compreendê-las e ausência de escrita. Durante o trabalho realizado, a capacidade de compreensão mostrou-se preservada, sem indícios de comprometimento. É possível observar algumas pausas curtas por ocasião da fala. Participa bem dos encontros e fala muito, embora em alguns momentos ainda apresente dificuldades na fala.

SUJEITO C:

É brasileiro, sexo masculino, tem 50 anos, divorciado, é pai de uma filha de vinte e três anos, nasceu na cidade do Recife. É católico não praticante, frequentou curso superior, mas não o concluiu (física, na UNICAP). Antes de sofrer o Acidente Vascular Encefálico (AVE), trabalhava como responsável técnico de uma empresa de desratização. Atualmente está aposentado e recebe auxílio do INSS. Sofreu um AVE em julho de dois mil e cinco, aos 41 anos, e, de imediato, foi socorrido, após sentir uma forte dor no peito. De acordo com o laudo da ressonância magnética do encéfalo, conforme cópia entregue às responsáveis pelo GCA da UNICAP há efeito de massa sobre o ventrículo lateral esquerdo e leve desvio das estruturas da linha média para a direita e uma importante afasia mista, com predominância expressiva e dificuldades práxicas. Apresenta distúrbio de contiguidade e de similaridade, com dificuldade ao falar, porém, grande parte desta dificuldade está relacionada à produção alterada dos movimentos articulatorios, devido a uma disartria severa. Com isso, não apresenta uma produção oral satisfatória. Raramente consegue se expressar e se comunicar através da fala, muito limitada, já que o máximo que ele consegue é produzir algumas palavras. Verificam-se, também, algumas dificuldades de ordem compreensiva. Em alguns momentos, tem bom desempenho nas atividades realizadas, demonstrando que entendeu aquilo que foi dito, embora, em outras situações, apresente visíveis dificuldades, de que não obtendo êxito em alguma atividade ou conversação, o que dificulta o processo interativo. Segundo ele, não sente dificuldade para ler jornais e revistas; demonstra também facilidade em navegar pela internet, realizar pesquisas, baixar músicas, jogos e filmes. Para interagir utiliza, quase que exclusivamente, a modalidade escrita, expressões

faciais e uso de gestos, ou seja, recorre a processos de produções não-verbais para se fazer entender. A escrita do sujeito encontra-se fragmentada, mas na maioria das vezes, realiza o acesso lexical e, assim, consegue veicular a intencionalidade para produção de sentido.

SUJEITO D:

É brasileiro, do sexo masculino, tem 65 anos de idade e possui cinco filhos (dois da segunda esposa e três de primeiro casamento). Nasceu em Floresta – PE. É católico, não praticante. Estudou até o quinto ano do ensino fundamental I. Trabalhou como motorista por cerca de quinze anos, viajando entre os estados da região Nordeste. Há, aproximadamente, oito anos, sofreu três acidentes vasculares cerebrais (AVE) num intervalo de 15 dias, sem sequelas visíveis. Após três meses, sofreu outro AVE, logo depois de ter se submetido a uma angioplastia para solucionar o problema das sequelas motoras no lado direito do corpo, comprometendo os membros e a fala. Mesmo com dificuldade motora, especialmente na mão, dirige a Kombi da família, atividade que o faz sentir-se muito bem, geralmente na companhia do filho mais novo. No que se refere aos sintomas na linguagem, dentro de uma descrição mais tradicional, apresenta distúrbio de similaridade e de contiguidade com parafasias, redução da fala, neologismo, estereotipia, anomia durante o discurso, leitura de palavras isoladas sem compreendê-las, ausência de escrita. Durante o trabalho realizado, a capacidade de compreensão mostrou-se preservada, sem indícios de comprometimento.

SUJEITO E:

É brasileiro, do sexo masculino, tem 72 anos. Estudou até a segunda série do ensino fundamental I. Nasceu no Rio de Janeiro. É católico, não praticante. Atualmente, não lê nem escreve, mas afirma que executava essas duas tarefas antes do AVE. Seu último emprego foi como vigilante em uma agência bancária. É aposentado por tempo de serviço, divorciado, possui dois filhos residentes no Rio de Janeiro, mora sozinho, aparenta ter uma vida reservada, de poucos amigos e quase nenhuma atividade social. Há, aproximadamente, 22 anos, sofreu um AVE durante a noite e acordou com dificuldade para se levantar da cama. É hipertenso e, até o episódio neurológico, não recebera

qualquer tipo de acompanhamento médico por desconhecer que tinha tal problema de saúde. Por não conseguir atendimento médico no mesmo dia, não foi submetido a nenhuma intervenção clínica ou medicamentos. Inclusive, o diagnóstico só foi recebido oito dias depois dos primeiros sintomas, quando ele resolveu tentar, novamente um atendimento em outra unidade pública de saúde. Embora relate ter ficado praticamente sem se comunicar, seu quadro atual apresentava melhoras significativas em relação ao relatado. Sua fala era com apraxia, não fluente, lenta, compassada. Apresenta distúrbio de similaridade, no seu discurso identificavam-se repetições, presença de neologismo, agramatismo, ocorrências de hesitação e autocorreção. Ele não deu indícios que apresentava dificuldades de compreensão.

2.2. CAMINHO METODOLOGICO DE COLETA DOS DADOS NOS ENCONTROS DO GCA-UNICAP

Os encontros nos GCA do Laboratório de Ciências da Linguagem da UNICAP têm duração de duas horas. O grupo se reúne uma vez por semana. Os sujeitos, assim que chegam, se cumprimentam e se acomodam à mesa. O tempo é dividido em dois momentos: no primeiro, são trazidas as notícias da semana, reportagens ou mesmo notícias pessoais; no segundo momento, inicia-se uma discussão que visa estimular os integrantes a se desafiarem no que se refere ao funcionamento da linguagem, que, além de ser uma oportunidade de aperfeiçoamento da linguagem oral, é o momento em que os pesquisadores registram todas as intervenções orais e multimodais dos integrantes do grupo.

Dentre as metodologias de estímulo do diálogo, utilizam-se as seguintes atividades: apresentação de noticiário, sessões de músicas, jogos e visitas temáticas (praias, zoológicos, museus, exposições, entre outros).

A apresentação e a discussão de noticiário é um momento de grande descontração, pois os sujeitos afásicos ficam à vontade para abordar a notícia que lhe chamou atenção ou a que assistiu. Nas sessões de música, apresentamos os estilos mais variados, obedecendo o estilo pela faixa etária deles. Nos jogos, se fez uso de uma grande variedade, utilizando-se da mímica

e da produção escrita. Em relação às visitas temáticas, todos os integrantes passam a discutir as experiências vivenciadas durante as excursões, que acontecem em datas programadas.

A escolha destes recursos deu-se pelo fato de constituírem-se meios de exploração dos aspectos presentes no funcionamento da linguagem, em consonância com a faixa etária dos sujeitos. Além disso, são atividades que, de certa maneira, atuam na comunicação interpessoal, principalmente quando à oralidade encontra-se prejudicada pela afasia, o que acontece, em sua totalidade, com os integrantes do grupo estudado.

Durante todos os encontros, as sessões de discussões foram gravadas em vídeo (gravação audiovisual), com uso de uma filmadora digital Sony, para posterior transcrição ortográfica e análise com base na fundamentação teórica da pesquisa.

No que se refere às transcrições, estas foram realizadas pela pesquisadora. Para serem analisadas, discursivamente, foram escolhidos seis recortes dos discursos dos afásicos em que as amostras selecionadas representassem um conteúdo mais rico em palavras e informações, permitindo uma melhor leitura dos mecanismos de Análise do discurso de Linha Francesa, já que é à base de fundamentação deste trabalho.

É importante ressaltar que em todo momento do trabalho, os pesquisadores mantiveram contato direto e continuou com o grupo, mesmo após concluída a etapa de coleta de dados do seu trabalho.

Em paralelo, observam-se os efeitos de evolução na linguagem dos sujeitos, procurando identificar estratégias terapêuticas eficientes, que poderão contribuir com um novo olhar no trabalho de sujeitos afásicos na ótica discursiva.

Para identificação das falas dos integrantes do grupo, foram utilizados os seguintes códigos: **P** (pesquisador), seguido de um número arábico que indica o segmento de fala; e uma letra maiúscula representando os sujeitos afásicos, que obedece à denominação apresentada no item 1 deste capítulo (**A, B, C, D, E**), seguidas de números que indicam o segmento discursivo, já descrito acima.

Ainda se ressalta que, com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor, antes de apresentar as sequências discursivas selecionadas, informam-se as condições de produção da atividade.

2.3. METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS SEGUNDO A TEORIA DE ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

Esta etapa consiste em informar para o leitor os métodos e critérios adotados para se efetivar as análises das transcrições supracitadas, segundo a Teoria de Análise do Discurso de Linha Francesa, tal como fundamentada por Pêcheux (1990; 1997) e desenvolvida, no Brasil, por Orlandi (2001; 2002; 2012) e seguidores (BRANDÃO, 2002; INDUSSKY, 2002; 2008; 2011) além de autores que abordam a perspectiva linguística do funcionalismo (JAKOBSON, 2010).

Em relação ao sujeito, a AD estabelece uma relação teórica entre o sujeito assujeitado (do estruturalismo de Foucault, Althusser e Lacan) com a historicidade do enunciado (de Foucault) e a materialidade das formas da língua de Saussure (MAZIERE, 2007).

O foco da AD não é apenas a fala, ou seja, a materialidade da língua; mas sim o discurso do indivíduo, considerando intrinsecamente a língua, a história e o sujeito (ORLANDI, 2012).

Para Orlandi (2009), os procedimentos da análise do discurso têm a noção de funcionamento como central, levando o analista a compreendê-lo pela observação dos processos e mecanismos de constituição de sentidos e de sujeitos.

No que se refere à análise das transcrições propriamente ditas, após contextualização do encontro, do qual deriva o discurso em análise, é utilizado o dispositivo metodológico da Análise do Discurso de linha francesa que se deu da seguinte forma:

- Correlacionar a materialidade do discurso com as condições de produção do sujeito, segundo Orlandi (2000; 2001; 2012);
- Observar as formações imaginárias: relação de forças da fala do sujeito, em relação ao grupo, antecipação (representação social do outro) e relação de sentido (Interdiscurso), segundo Orlandi (2001; 2012);
- **Formação discursiva** do sujeito, de acordo com Pêcheux (1993; 2007; 2008);

- Presença de **Paráfrase** (repetição), segundo Orlandi (2001; 2012);
- Observar a presença da **memória discursiva** (interdiscurso) segundo definições de Indursky (2008; 2011) e Orlandi (2012).
- Observar elementos que evidenciam a **formação ideológica** do sujeito, de acordo com Pêcheux (1990; 1997);
- Observar a presença do **silenciamento** na fala dos sujeitos, segundo Orlandi (2002; 2012);
- Observar **estratégias utilizadas** pelos sujeitos afásicos e pelo pesquisador para facilitar a linguagem, segundo Fonseca (1995) e Vorcaro (1999).
- Estratégias que dificultam o funcionamento da linguagem dos sujeitos afásicos.

Ressalta-se que só após o reconhecimento e análise reflexiva de todos esses elementos linguísticos-discursivos das transcrições em questão, se poderá inferir sobre a importância da AD como ferramenta que maximize a ação dos grupos de convivência para facilitar a interação entre sujeitos.

A seguir, será apresentado o resultado da análise das transcrições dos sujeitos afásicos em questão, tendo por suporte as teorias da fundamentação teórica apresentada neste trabalho.

CAPÍTULO 3: ANÁLISE DISCURSIVA DE SUJEITOS AFÁSICOS INTEGRANTES DE GRUPO DE CONVIVÊNCIA

“A Análise de Discurso – quer se a considere como um dispositivo de análise ou como a instauração de novos gestos de leitura”... (ENI ORLANDI, 1997).

Este capítulo destina-se à análise das transcrições referentes às sessões realizadas no Grupo de Convivência de Afásicos (GCA) - UNICAP. Foram selecionados segmentos discursivos, que se destacam por apresentar elementos diferenciados a serem compreendidos pelos procedimentos analíticos da Análise do Discurso de linha francesa, uma vez que este trabalho objetiva analisar o discurso de sujeitos afásicos a partir de suas próprias condições de falantes, na interação em grupo.

Neste grupo, observa-se que nem todos os sujeitos têm o mesmo grau de dificuldade para se expressar e, conseqüentemente, se fazerem entender, ou seja, sob a ótica organicista, o grau de lesão e a localização da afasia fazem com que a “doença” tenha vários níveis de comprometimento, da linguagem do indivíduo. Esclarecemos que nos afastamos desta perspectiva, na medida em que nos filiamos à AD. Desta forma, nosso foco deixa de ser a lesão, o corpo, o orgânico, para nos aproximarmos do sujeito e da linguagem.

1. SEQUÊNCIA DISCURSIVA I (03/04/2014)

1.1- Condições de Produção da Sequência I (Afasia e suas conseqüências)

Nesta análise serão enfocados primordialmente os seguintes procedimentos analíticos da AD: Formação Discursiva, Formação Ideológica, Relação de Força e Formação Imaginária. As condições de produção do discurso, cuja sequência discursiva está apresentada abaixo, se refere a um dos momentos do GCA, em que foi discutido o tema “Afasia”. Esta parte é o

momento em que o sujeito afásico fala de sua dificuldade com a linguagem. Este tema foi bastante discutido, principalmente nos primeiros encontros, que buscou entender as causas e as consequências da afasia. O assunto foi interessante para os sujeitos afásicos, pois eles têm a necessidade de entender as alterações e conhecer as expectativas de evolução, além das possíveis alterações linguísticas, que normalmente são registradas por eles.

1.2-Transcrição da Sequência discursiva I

P-1: Vamos falar um pouco sobre a afasia... Vocês sabem o que é afasia?

A-1: ... (silêncio)... eu ia falar que... antigamente falava muito bem... lia também...leio... não em voz alta... e agora eu to oh (faz um gesto de negação com as mãos).

P-2: Mas o senhor está falando. Agora.

A-2: É falo... mas falava mais.

B-1: Foi um derrame.

B-2: Eu não sei “falar”... eu não sei... (pausa) nada.

B-3: Eu ficou boa menina. Não... (balançando a cabeça).

C-1 Que foi... que foi... Calma... calma... Por quê?... Por quê?

C-2: Não sei... não com (pausa) sigo dizer não. Tá aqui (apontando para a cabeça, referindo-se ao cérebro).

P-3: O médico falou para vocês sobre afasia? Em pessoal, me fala, falou ou não falou? falou ou não falou?

A-3: (silêncio)... Falou... não lembro.

B-4: (silêncio)... Falava... falava... Agora não...

C-3: (silêncio)... Por que... lembro... sei não... não consigo falar. Oh rapai... não lembro... Silêncio.

C-4: Calma... calma... Oh... Por quê? Depois... Depois.

P-4: O senhor entende tudo o que falo? Amigos, me falem, agora preciso entender o que vc entenderam sobre isso? Amigos, me falem, agora preciso entender o que vc entenderam sobre isso?

A-4: (silêncio)... O que você fala e-eu entendo muito bem, ma-mas pra falar pra-pra pro-nunciar a palavra eu.

1.3- Análise da sequência discursiva I

Antes de começar o encontro, referente à temática “falar sobre a afasia”, é comum o grupo desenvolver voluntariamente uma conversa entre eles, e os mesmos não percebem que estão sendo observados e se fazendo entender a partir de sua própria fala, que em diversos momentos é muito clara.

Há uma fluidez na linguagem, que se contrapõe ao discurso da impossibilidade de dizer, que se traduz em “eu não sei falar... eu não sei nada”. Quando dizem “não consigo falar... não estou conseguindo falar... não falo,” quem aparece é o sujeito consciente, que diz da “doença”, do “sintoma”, que faz calar. Nesse momento, há a visibilidade do discurso médico, o que impede, interrompe e silencia o sujeito. Ao mesmo tempo, estar em situação de conversa, é uma condição de produção que traz como efeito uma linguagem totalmente possível e compreensível. Os sujeitos afásicos se compreendem, se ajudam, falam!

Por outro lado, percebe-se que o discurso organicista está sempre presente: eles sentem a necessidade de falar, de conhecer e questionar sobre a doença, como se observa no discurso do sujeito B: “foi um derrame” (que gerou a afasia).

Como sintoma da linguagem, predomina, no grupo, a dificuldade no eixo metonímico, de que nos fala Jakobson (2010), em que se nota maior alteração na combinação, “em presença”, ou seja, o distúrbio da contiguidade. Assim, a linguagem parece “faltar”, enquanto a compreensão se apresenta mais preservada. Ao mesmo tempo, em alguns sujeitos do grupo, percebe-se a dificuldade na seleção, no eixo metafórico e, nesse caso, a dificuldade de nomear parece ser o foco. Em geral, não é nítida essa diferença no funcionamento da linguagem e há, de fato, uma tensão entre os dois eixos, fazendo com que os sujeitos percebam, por vezes, a “alteração na linguagem afásica” e, com isso, optem pelo discurso da “impossibilidade de dizer”, da “doença”, da “inabilidade”, do “silenciamento”. Na sequência discursiva em análise, há a ratificação desse discurso em todos os sujeitos do *corpus*. Assim, como diz o sujeito A, em “eu ia falar que... antigamente falava muito bem... lia também... leio... não em voz alta... e agora eu to oh” , o sujeito B, em “eu não sei “falar”..... eu não sei..... (pausa) nada”, o sujeito B novamente, quando diz “falava... falava... agora não...”, o sujeito C, quando interroga “que foi... que

foi... calma... calma... Por quê ?... Por quê?” e o sujeito C, em “não sei... não con (pausa) sigo dizer não. Tá aqui (apontando para a cabeça, referindo-se ao cérebro). Assim, todos os sujeitos apresentam o discurso da impossibilidade, essa fala circular, que marca o “não sei, não posso, não consigo mais”. Apesar disso, percebe-se nos discursos dos sujeitos A, B e C que a incapacidade do dizer fica mais evidenciada, principalmente quando, no decorrer das suas falas, as hesitações e paradas longas de silêncio, sinalizam sua dificuldade do dizer, antecipando sua condição de não-falante.

Segundo as autoras De-Vittor (1995), Fonseca (1998), Vorcaro (2002) e Viera (2007), “o afásico estranha sua nova condição de falante”, ficando preso ao seu passado. Portanto, a intervenção do pesquisador, quando salientou: “o senhor está falando. Agora!” foi muito importante, porque gerou uma mudança na formação discursiva do sujeito impossibilitado de dizer para sujeito capaz de dizer, trocando a sua posição de não-falante a falante no discurso, quando afirma: “É, falo”.

Diante do exposto, fica evidente a importância do pesquisador deixar claro para o sujeito afásico que ele está falando e que ele está sendo entendido, o que representa um excelente estímulo à continuidade da fala. Esta estratégia melhora a autoestima do sujeito e o coloca numa condição linguístico-discursiva que privilegia a coragem de se expor ao desafio, que neste caso é o de se expressar.

Segundo Pêcheux (2008), a formação discursiva é o lugar e a constituição do sentido, no qual se vincula a constituição do sujeito. No episódio, marcado no segmento **A1**, há completa identificação dos sujeitos à formação discursiva de não falante (FD de não falante) Esta é uma possibilidade de estar no discurso, de dizer uma fala impossível. Novamente, este segmento marca um assujeitamento do sujeito afásico a esta FD.

Porém, no momento da participação do pesquisador, “o senhor está falando agora” e o sujeito afásico responde “É, falo”, acontece o desdobramento da forma-sujeito, que através de uma tomada de posição, se contrapõe à FD em que estava plenamente identificado. Em outras palavras, esse momento marca a posição em que o sujeito do discurso se contra-identifica com a FD de origem (a FD de não falante).

Segundo Pêcheux (2008) e Indursky (2008), após a contra-identificação, em que o sujeito já questiona a FD, acontece a desidentificação, não indicando a “liberdade” do sujeito, mas é o indício de que se identificou a outra (nova) formação discursiva, desvinculando-se das antecedentes. Essa modalidade de desidentificação ocorre sob o efeito entre o inconsciente e a ideologia.

Neste momento da análise, pode-se perceber que não só as dimensões histórico-sociais, ideológicas e o local de produção do discurso estão envolvidos na produção dos sentidos, mas também está implicado aí o próprio sujeito que produz o discurso; evidencia-se que o pesquisador se dirige ao sujeito, atribuindo sentido às suas palavras, por sua vez as palavras do pesquisador afetam o sujeito e, ao mesmo tempo, o constituem (ORLANDI, 2002).

No segmento **B-3**, quando o sujeito diz: “Eu ficou boa menina. Não... (balançando a cabeça)”, percebe-se a relação de força (formações imaginárias, trazida pelos protagonistas na AD), que tem o discurso do pesquisador para ele. Segundo Orlandi (2012), as relações de força se referem à posição que o sujeito ocupa no discurso de onde fala. Nossa sociedade, na prática e no imaginário dos sujeitos, é dividida por hierarquias. Com isso, se o sujeito falar a partir do lugar de professor/pesquisador, suas palavras têm mais valor do que as ideias dos alunos, o que é notório quando o sujeito afásico em questão procura saber do pesquisador a resposta para atribuir mais força na sua própria argumentação.

Os dizeres dos sujeitos afásicos em análise encontram-se atravessados pela formação ideológica, evidenciando que suas atitudes não são individuais nem universais, mas sim, resultado da posição ocupada (afásico, em uma FD de não falante), em conflito com a posição do sujeito “normal” (não afásico, que ocupa uma FD de falante). Da mesma forma, dizeres dos sujeitos como “não sei”... “tá aqui”, “não sei falar”, com a finalidade de fazer o outro entender que ele não ocupa mais uma posição de “domínio” (como se houvesse esse controle!) da sua linguagem também remetem à formação discursiva bem marcada em seu discurso, uma vez que é a formação discursiva que regula “o que pode e deve ser dito” em um determinado contexto histórico-social,

ocupado agora por um sujeito que, em sua perspectiva, traz o discurso de quem “não consegue”, “não fala”.

Outro aspecto interessante a ser analisado nesta sequência discursiva, concernente à sua prática discursiva, diz respeito às formações imaginárias, que, segundo Pêcheux (2007), são as imagens que o emissor e receptor do discurso fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro. É provável que seja por via das formações imaginárias que o sujeito afásico se autoavalie como o sujeito que “não pode dizer”, pois imagina que o outro não o compreenderá ou não há de querer aguardar para que ele organize suas ideias e as emita num tempo um pouco maior que o “normal”. É a partir dessas considerações que se pode pensar em um trabalho de linguagem com o sujeito afásico inserido em grupo de convivência, como medida que venha a contribuir com sua evolução na condição de falante.

Os efeitos de sentido são trabalhados de emissor para receptor na construção de sentido dos interlocutores, interagindo um com o outro. No segmento **C4**, em análise, a pressa do pesquisador em querer a resposta pode ser algo que deixe o sujeito afásico apreensivo e prejudique sua interação. O discurso do sujeito afásico em questão é marcado por pausas, hesitações, repetições e, muitas vezes, por momentos de silêncio, os quais, segundo Fonseca (2000) devem ser interpretado como um modo de dizer algo. Da mesma forma, Orlandi (2002) enfatiza que o silêncio significa, não deve ser traduzido em palavras e é estudado pela AD como de extrema importância para a teoria e análise.

Ainda ressaltamos que, por ocasião das perguntas do pesquisador: Vocês sabem o que é afasia? (**P-1**), O médico falou para vocês sobre afasia? (**P-3**) e O senhor entende tudo o que falo? Amigos, me fala, agora preciso entender o que vocês entenderam sobre isso? (**P-4**), a maioria dos integrantes do grupo silencia, exceto aqueles mais desenvolvidos, e no segundo (**P-3**) e terceiro (**P-4**) caso, quando o pesquisador repete a pergunta e solicita que os integrantes do grupo se posicionem, gera uma tensão ainda maior, destacando que a pressão e o fato de não respeitar o tempo dos afásicos em produzir seus discursos, pode prejudicar suas interações interpessoais pela linguagem falada, ou seja, sujeito não afásico deve evitar pressionar ou coagir o afásico a

se expressar, respeitando o tempo cognitivo de construção das ideias e de verbalização do seu discurso.

No caso deste sujeito afásico (C), ele utiliza-se muito da linguagem escrita, sempre está nos encontros com uma folha de papel, escrevendo algumas palavras, já que há problemas na linguagem oral, que vão para além das afasias (apresenta, além da afasia, uma dispraxia motora, ou seja, dificuldade na articulação voluntária de fonemas). Segundo Orlandi (2012), as condições de produção compreendem os sujeitos e as situações, neste sujeito que se depara com a linguagem na oralidade bem afetada, utilizando o apelo da escrita para se fazer entender. São nessas tentativas de se fazer entender, que o sujeito em questão se dirige para o pesquisador, sempre dizendo “calma... calma...” escrevendo num papel, demonstrando no semblante a procura de estratégias para se fazer compreender.

Na análise do Discurso, qualquer repetição já significa diferentemente, ou seja, a repetição para a AD traz sentidos diferentes e a repetição de uma palavra em AD não significa a mesma coisa (ORLANDI, 2007), portanto essa repetição, para os sujeitos afásicos, embora tenha o mesmo vocábulo, possui efeitos de sentido diferentes. Provavelmente, no sujeito C, a repetição incansável da palavra “calma” pode ter efeitos diversos de sentido e um deles é possível que seja “aguarde que vou conseguir dizer”.

2 -SEQUÊNCIA DISCURSIVA II (13/06/2014)

2.1-Condições de produção da Sequência II (Explicando os provérbios)

Nesta análise serão enfocados primordialmente os seguintes procedimentos analíticos da AD: Condições de Produção, Formação Discursiva, Interdiscurso, Paráfrase e Polissemia. Neste encontro do Grupo de Convivência dos Afásicos, a temática é apresentar e discutir os principais provérbios que fazem parte da cultura tradicional nordestina, assim como correlacioná-los com as experiências pessoais de cada um.

2.2- Transcrição da Sequência discursiva II

P-1: Fazer tempestade em copo d'água.

A-1: É-é é... (pausa) você fazer uma confusão e sair colocando todo mundo na confusão, é fazer tempestade em copo d'água.

P-2: Alguém quer falar outra coisa

B-1: É é, eu (pausa) faço uma confusão e fico botano ele, ele , (pausa) a senhora, e fiz uma tempestade em copo d'água.

C-1: Não, não, é não, não.

P-3: Então me explique, quero ver quem vai explicar melhor... Esse copo d'água quer dizer que o problema é pequeno ou é grande?

E-1: É pequeno.

P-4: E a tempestade é o quê?

E-2: Grande.

P-5: A sorte esta lançada, como é que o senhor explica?

E-3: A sorte esta lançada, ganhei na loteria esportiva.

E-4: Eu... ah tenho... toda vez eu compro o bilhete... da loteria... nunca deu nada...

P-6: Ficar a ver navios?

E-5: Eu ando a beira rua, aí eu passei entre o bar, ilhei pro mar e vi o navio.

P-7: Fome de bola.

D-1: Jogar. É Neumar.

A-2: Não, tem não. Ele não é fominha. Ele não tem fome de bola. Fome de bola é quando um camarada pega uma bola, o companheiro pede condição de fazer o gol e ele não dá, ele mesmo quer fazer. Ele não é, ele não tem isso.

P-8: “Dinheiro traz felicidade”.

E-6: não... não... eu... conheço... ah... não gosto.

D-2: O dinheiro não traz felicidade... (pausa) mas costuma... mas ajuda a comprar”.

P-9: O que ajuda a comprar?

C-2: É... É... car ne, feijão... (pausa) macar- rão.

C-3: Comida.

P-10: “Feliz foi Adão que não teve sogra”.

D-2: é... sogra né... (risos) (olhando para o pesquisador) é... atrapalha né...

2.3- Análise da Sequência Discursiva II

Segundo Orlandi (2002), o entendimento do enunciado se dá por determinadas condições de produção, que são imediatas e sócio-históricas, propondo considerá-las como o momento crítico de constituição do sujeito, o momento em que os interlocutores desencadeiam o processo de significação. No recorte acima, encontram-se sujeitos afásicos e pesquisador configurando o efeito de sentidos dos provérbios. Percebe-se ainda no segmento **E1**, que a concepção do provérbio se forma com a ajuda da pesquisadora, nos trechos:

P-3: Então me explique, quero ver quem vai explicar melhor... Esse copo d'água quer dizer que o problema é pequeno ou é grande?

E-1: É pequeno.

P-4: E a tempestade é o quê?

E-2: Grande.

Observamos que a intervenção da pesquisadora foi muito importante para que o sujeito afásico desenvolvesse e efetivasse a sua fala, o que pode ser reconhecido como uma estratégia que influencia positivamente o sujeito a desenvolver seu discurso, já que o sujeito em questão apresenta o distúrbio da similaridade (JAKOBSON, 2010). Nesta perspectiva, é fundamental que o sujeito não afásico repita a mesma pergunta de outra forma, oferecendo ao afásico novos elementos que facilitem sua compreensão, buscando facilitar o entendimento cognitivo do sujeito aos questionamentos que são impostos no diálogo.

Também se pode entender o fato supracitado, como uma estratégia para que a fala do afásico se coloque. E neste momento o afásico sai da posição de sujeito não-falante para uma posição de participante do discurso em grupo, ou seja, se desidentificando com a FD de não falante e se inserindo em nova FD¹: a de falante. Assim, as estratégias de “abertura das metáforas²” trazidas pelo

¹ Formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.

² De Lemos e seguidores, em Lier-deVitto; Arantes (2006), explicam que as metáforas são dizeres que pedem significação. Desta forma, o terapeuta, no lugar de outro do discurso, deve devolver o dito do sujeito com o objetivo de “abrir as metáforas”, ou seja, levá-lo a interpretar o

sujeito afásico, promovida pelo investigador, são importantes para que o sujeito se desloque em sua linguagem de não falante a falante. Segundo Orlandi (2012), a linguagem é linguagem porque possui sentido, neste momento o pesquisador ajuda ao afásico a fazer sentido na linguagem oral, sem deter a linguagem, ela estando em funcionamento.

Nos segmentos discursivos a seguir, encontra-se o sujeito afásico reformulando sua descrição do provérbio para o pesquisador, na tentativa de trazer uma explicação a partir de sua experiência, mais uma vez trazendo sentido para sua fala e mostrando a linguagem em funcionamento. Analisando a sequência, com base nos distúrbios da similaridade (JAKOBSON, 2010), o contexto permanece intacto, o sujeito afásico recorre à metonímia para produzir seu discurso “ganhei na loteria, “o toda vez compro o bilhete”, fazendo uma relação de semelhança para argumentar sua explicação.

P-5: A sorte está lançada, como é que o senhor explica?

E-3: A sorte está lançada, ganhei na loteria esportiva

E-4: Eu... ah tenho... toda vez eu compro o bilhete... da loteria... nunca deu nada...

No provérbio “Dinheiro não traz felicidade”

P-8 “Dinheiro traz felicidade”.

E-6: Não... não... eu... conheço... ah... sim, sim.

D-2: O dinheiro não traz felicidade... (pausa) mas costuma... mas ajuda a comprar”.

P-9: O que ajuda a comprar?

C-2: É... É... carne, feijão... (pausa) macarrão, roupa, é..é..é.

C-3: Comida é... é.

Observando o deslizamento de sentidos que são apresentados na explicação do provérbio “Dinheiro não traz felicidade”, encontra-se, na

que está dito, a partir do estranhamento do ouvinte. Estranhamento, para as autoras, seria a devolução do dito (metafórico) em forma de pergunta. A abertura seria uma transformação metonimizadora do que, anteriormente, não foi compreendido.

explicação do sujeito, a paráfrase como reformulação do seu discurso. Nesse sentido, se estudam os tipos de reformulações parafrásticas possíveis em um dado contexto, de modo a identificar a significação do texto fonte (aquele que foi reproduzido/interpretado parafrasticamente), pois, de acordo com Pêcheux (1988), todo enunciado, “toda sequência de enunciado é, pois, linguisticamente descritível como uma série léxico-sintaticamente determinada de pontos de deriva possíveis [...] deslizamento, efeitos metafóricos, lugar à interpretação” (ORLANDI, 2001, p.24),

Observa-se portanto, com Pêcheux (1988), que a paráfrase também é um aspecto de análise do discurso, considerando-se que o mesmo nunca é o “mesmo” (ele próprio), gerando novos efeitos de sentido. Assim, na fala do sujeito, há uma reformulação na proposta do provérbio “dinheiro não traz felicidade,” quando o sujeito diz:

E-6: Não... não... eu... conheço... ah... sim, sim.

D-2: O dinheiro não traz felicidade... (pausa) mas costuma... mas ajuda a comprar”.

C-2: É... É... car ne, feijão... (pausa) macar- rão, roupa, é... é... é... .

C-3: Comida é... é...

Percebe-se que se movimentam os sentidos do provérbio em *dinheiro traz ou não felicidade, mas compra as coisas*. Recorre-se novamente à teoria da AD, na perspectiva da paráfrase, que é a substituição que aponta para uma relação outra de sentido, mobilizando o efeito metafórico para pensar a tensão entre o mesmo e o diferente. É sob este olhar que se percebe que quando o sujeito fala “não... não..., eu conheço... ah... sim, sim”, que o sujeito se apresenta indeciso em relação à concordância com as ideias do provérbio, trazendo esta tensão entre o mesmo / diferente em relação ao dizer (ORLANDI, 1997).

Há de se levar em conta, nesse processo, as condições de produção de sentido que circunscrevem a fala do sujeito afásico C, uma vez que, de acordo com Jakobson (2010), esta apresenta uma dificuldade na combinação ou na seleção das palavras, porém destaca-se que se a fala se apresenta partida, a compreensão é evidente e preservada. Afinal, segundo Orlandi (1997) a linguagem significa em sua completude na/pela incompletude do sujeito,

na/pela não transparência da língua em sentidos materializados na falta. Assim, segundo a mesma autora, deve-se analisar a paráfrase como um processo constituidor da linguagem e não apenas como simples relação de sinonímia entre enunciados. Observa-se que na repetição que o sujeito utiliza para a palavra “não... não..., eu conheço... ah... sim, sim”, a paráfrase assim considerada, não é tratada como repetição de termo a termo de correspondência inequívoca, onde o sentido fica preservado, mesmo que na fala o sujeito apresente produções diferentes, mesmo que para isso repita um enunciado já produzido (ORLANDI, 1997).

Nesta perspectiva, a paráfrase e a polissemia são fenômenos entrelaçados, à medida que, mesmo a paráfrase tente manter o sentido sem alterar ou produzi-lo em enunciados diferentes, cada enunciado, por sua vez, já contém, em si, múltiplos sentidos, devido ao seu aspecto polissêmico que permite uma pluralidade de interpretações possíveis (ORLANDI, 1997).

Destaca-se que na fala do sujeito está em jogo à representação imaginária evidenciada pela enunciação, diria a leitura em pelo menos duas interpretações: uma que ele aceita que o dinheiro traz ou que o dinheiro possibilita comprar as coisas que são necessárias para sobreviver, como “roupa”, “feijão”, “macarrão”, comida’. Aqui se pode perceber que na fala do sujeito **C**, mantém-se uma relação parafrástica, como uma estratégia cognitiva-linguística do sujeito, permitindo o julgamento de frases, em categorias de diferenças e semelhanças, que resultam na identificação e produção de paráfrases. Isto é evidenciado quando o sujeito faz uso de várias palavras com o mesmo sentido, trazendo à tona a ideia de comida.

Na proposta enunciativa de Pêcheux (1993), o parentesco semântico entre enunciados constitui a condição necessária para uma relação de paráfrase linguística. Neste caso, o parentesco semântico das palavras que o sujeito afásico utilizou está sendo entendido como a possibilidade do sujeito de reconhecer ou produzir um enunciado parafrástico em uma determinada situação discursiva.

Para Jakobson (2010) a atividade de parafrasear está correlacionada principalmente ao eixo-paradigmático, mas também pode estar correlacionada ao eixo sintagmático. No caso do sujeito **C**, percebe-se que está relacionado ao eixo paradigmático, pois o sujeito seleciona palavras diferentes para compor a

sua fala mantendo uma relação de sentido, ou seja, trata-se neste caso, da seleção de palavras que passam a constituir a possibilidade do seu dizer, que se encontra nas condições de um sujeito não-falante (ocupando esta formação discursiva) diante das suas condições como afásico, gerando possibilidades para o seu dizer.

Assim, destacamos que o sujeito não afásico não deve se limitar apenas ao sentido formal das palavras para entender o discurso dos afásicos, nem questionar a organização e as estratégias de construção do seu discurso, uma vez que os sujeitos afásicos podem fazer uso dos mesmos vocábulos com diferentes efeitos de sentido, o que representa mais uma estratégia de se fazer entender.

3 -SEQUÊNCIA DISCURSIVA III (18/09/2014)

3.1 - Condições de produção da Sequência Discursiva III (meio ambiente / crendices com animais)

Nesta análise serão enfocados primordialmente os seguintes procedimentos analíticos da AD: Formação Discursiva, Formação Ideológica, Formação Imaginária e Interdiscurso. Este tema foi tratado depois de um passeio do GCA, a Porto de Galinhas, visitando uma exposição de cobras/serpentes, para fins de educação ambiental da população em geral. Este momento foi desenvolvido a partir da discussão sobre a necessidade de conservar os seres vivos, sejam eles bonitos, feios, inofensivos ou perigosos e, com isso despertando um olhar conservacionista do meio ambiente.

3.2 - Transcrição da Sequência discursiva III

P-1: Vocês sabem algo sobre educação ambiental?

B-1: tudo sujo (faz sinal de negação com o dedo).

B-2: a paia tudo sujo.

P-2: É cuidar do planeta? É se preocupar com as questões do meio ambiente?

B-3: Os ani-mas o-ri-o su-jo.

B-4: mai ta tudo oia (faz gesto de mau cheiro com a mão abanando próximo ao nariz).

Ali onde tem o si com o rio si com o (tempo) com o (mão na cabeça).

B-5: Mai o senhor viu aquele rio, lá tu viu (incompreensível) foi lá perto donde arrente tava, butaram tudi-nho aca-bando com tudo.

A-1: “Pois é menina, de primeira ali, eu jogava bola na frente, oi a que era cheio de pequeno jogar bola não tinha pobrema, hoje você num vê mais lugar pa buta negocio pa joga bola... é ou num é?”

P-3: Antigamente, a praia era mais limpa, os rios...

A-2: “Mais menina eu vou dizer uma coisa a senhora viu: não vá ficar com raiva não, de primeira eu tomava banho, mas agora oie a agua vai tudo pro mar...”

P-4: Será que antigamente as pessoas tinham mais consciência em relação à limpeza do meio ambiente? Eu acho que hoje tem um investimento maior para conscientização das crianças, estando os adultos geralmente ausentes das iniciativas de educação ambiental.

A-3: “Mas hoje é multa, é”

P-5: E o lixo. Vocês sabem que existem a seleção dos tipos de lixo?

C-1: Um é o-o pa lico, ali...

C-2: Um é pa bota vido o oto ...

E-1: Garrafa, é o povo que ta' ai chega e botando em lugar mais alto” butaram o negocio assim ai fai...

P-6: Lixo né, Bota lixo em tudo que é canto.

E-2: Não e num é só isso não' vai o luga que vai ai vai' ai bota (tempo).

3.3 -Análise da Sequência Discursiva III

Ao avaliar o discurso dos sujeitos, fica evidente a ideia crítica sobre a qualidade dos ambientes naturais, deixando claro que o meio ambiente sofre com as ações humanas. Quando, nos seus dizeres, predominam expressões como “praias sujas” e “rios sujos”, observa-se que, para eles, o sentido de meio ambiente tem uma relação direta com o estado ou qualidade da natureza,

estando ela numa condição ideal, saudável e desprovida de qualquer agente que a retire da condição de normalidade.

Está também na fala dos sujeitos que participaram da sessão-passeio, o discurso do meio ambiente atrelado à necessidade de conservação dos animais e, conseqüentemente, dos ambientes onde eles vivem, a natureza em geral. Trazendo a teoria da AD, os sujeitos **B e A**, trazem a tona a memória discursiva, quando retornam que antigamente as praias eram mais limpas, como também se observa no dizer do sujeito **C**. Segundo Orlandi (2009), toda fala resulta de um efeito de sustentação no já dito. Aqui, a fala dos sujeitos é sustentada num discurso que é proferido historicamente na temática rotineiramente discutida sobre o meio ambiente.

Percebe-se que a formação discursiva que circula nos dizeres do grupo acima, diz respeito à história da relação do meio ambiente com o homem, como observável nas suas falas. Nesta parte da análise, reflete o imaginário e o ideológico dos sujeitos que se encontram na mesma ordem das palavras, sendo o discurso a ligação entre as duas ordens e sua ideologia, caracterizada pela fixação dos discursos apresentados, quando falam do meio ambiente pela impressão do sentido literal, uma vez o discurso materializa o contato entre o ideológico e o linguístico (ORLANDI, 2009).

Segundo Pêcheux (2008), jamais se pode encontrar um discurso puro, separado de sua ideologia, já que todo discurso de um sujeito e todo sujeito é ideológico. No segmento discursivo acima, os sujeitos falam do meio ambiente constituindo-se de dizeres já ditos na história (interdiscurso). Os sujeitos e os sentidos se repetem e se deslocam (ORLANDI, 2009). Está na memória discursiva dos sujeitos a relação da natureza, trazendo o “já-lá, ou seja, “algo fala antes, em outro lugar, (...) é o já dito que constitui todo o dizer” (INDUSK, 2008, p. 21).

No discurso dos sujeitos afásicos **B, C, e E**, percebe-se o imaginário configurado no tema do discurso de Educação ambiental, encontra-se o sentido de coletividade reconhecendo a falta de conscientização das pessoas ao jogarem o lixo ou a separar o lixo. Reconhece-se, segundo a análise da AD, que é no discurso que a ideologia tem seu encontro com a materialidade (ORLANDI, 2012). Os sujeitos mostram-se pessoas conscientizadas acerca do meio ambiente. Aqui se encontram alguns sentidos já pré-estabelecidos da

temática de Educação ambiental, sentidos que são comuns no interdiscurso dos indivíduos na sociedade. Quando o sujeito **C** fala: “Um é o-o pa lico, ali...” e “Não e, num é só isso não. vai o luga que vai ai vai ai bota,” explica que não é só separando o lixo, evidenciando o que Orlandi (2012) destaca, quando enfatiza que não há discurso inédito mas que um determinado discurso tem uma relação com outros discursos, dizeres já ditos, já imaginados, ou seja, marca-se aí o interdiscurso, concepção presente na AD, desde Pêcheux.

Nos discursos dos sujeitos afásicos **B, C e E**, todos concordam com a seleção do lixo, observando essa relação do discurso com a ideologia, apresentando sujeitos conscientes de que a coleta do lixo é necessária para proteger o meio ambiente. Esses dizeres já são comuns nas falas das pessoas, assim, o discurso inscreve-se na memória discursiva como repetição histórica, com o apagamento para o sujeito da opacidade da língua e a sua crença de que é origem do que é dito (ORLANDI, 2001).

4 - SEQUÊNCIA DISCURSIVA IV (20/03/2014)

4.1-Condições de produção recorte IV (mitos com comida)

Nesta análise serão enfocados primordialmente os seguintes procedimentos analíticos da AD: Interdiscurso e Formação Imaginária. As condições de produção do discurso, aqui apresentadas, discutem o tema “**mitos com comida**”, permitindo aos integrantes do grupo lembrar o passado. Eles relatam casos que escutaram na televisão, rádio, jornal e em conversas com outras pessoas, além das lembranças da infância, especialmente do que seus pais falavam sobre determinadas restrições em relação a algumas comidas.

4.2-Transcrição da Sequência discursiva IV

<p>P-1: Sabem aqueles mitos, eu escutava muito quando era criança, do tipo: “não pode comer manga com leite”, “não pode comer algo quente depois do banho”, vocês conhecem algum?</p>
--

A-1: café quente, café quente, antigamente não podia tomar café e tomar banho. Minha mãe não deixava, era menina.

P-2: Tinha essa história mesmo?

A-2: Mas o café pisado em casa, né? Na-ão é esse café de hoje não.

P-3: O senhor acredita nisso?

A-3: acredito... que antigamente dava derrame no corpo, não dá hoje, né? Porque o café está muito agrossos. Mas quando era mesmo, daquilo que saia da terra memo pra você comer, hoje não porque é tudo adubado, aí o fe-jão não tem aquela fortificação de antigamente, né?

P-4: Manga com leite, vocês comem?

B-1: Minha mãe sempre di...zia que não pode...fam mal. Não cumo.

P-5: É perigoso tomar banho depois de comer?

B-2: Hoje mais não, a turma come e vai tomar banho, mas coma um cozido e vá tomar banho, pra ver se não dá uns estrimiliques na hora... Minha mãe dizia.

4.3-Análise da Sequência Discursiva IV

Fica evidente nos discursos supracitados a presença do interdiscurso, evidenciado quando eles expressam “minha mãe dizia”, apresentando efeitos de sentidos de já-ditos presentes nos discursos de terceiros.

Trazendo a teoria da AD, tem-se o interdiscurso na formação dos sentidos, as suas falas são sustentadas por vozes ouvidas na infância, resultando no que Pêcheux (1993) diz, “toda fala resulta no que já foi dito”.

Os efeitos do discurso da mãe no universo da fala dos sujeitos trazem destaque para a formação imaginária que vai sendo construída através dos pontos de exterioridade ilusória, que os sujeitos constroem diante da figura da mãe, trazendo o discurso da figura dominante.

Assim percebe-se a relação de formação imaginária na figura da mãe, evidenciando a posição hierárquica da mãe em relação aos filhos, o que vem de mãe deve-se respeitar. A imagem que eles têm das mães, traduz-se na sua importância para constituição dos seus discursos.

Evidencia que socialmente formam-se imagens uns dos outros. No caso da figura da mãe tem-se o respeito e o saber de que a mãe passa conhecimento. O fato da posição que a mãe ocupa na representação atribui importância ao que vem da figura materna.

De acordo com Brandão (2004), num discurso, as relações entre esses lugares objetivamente definíveis, encontram-se representadas por uma série de “formações imaginárias” que indicam o lugar que o destinador e destinatário atribuem a si mesmo, e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro, como perceptível no discurso dos sujeitos **A** e **B**.

As falas analisadas corroboram com Pêcheux (1993), destacando a ideia de que a ideologia se materializa por meio do discurso e é articulada por sujeitos.

As palavras das mães dos sujeitos têm uma relação de força com a posição em que elas ocupam. Segundo Orlandi (2012) as palavras variam seus sentidos de acordo com as posições daqueles que as utilizam; assim como perdem seus sentidos quando se afastam dessa posição, isto é, as formações ideológicas se restringem às posições que ocupam.

Destacamos a importância de o pesquisador assegurar, durante a conversação, o momento de intervenção dos afásicos, para que eles se sintam importantes e contemplados na conversa, como evidenciado pela intervenção do pesquisador (**P-3**);

5-A SEQUÊNCIA DISCURSIVA V (22/05/2015)

5.1-Condições de produção da sequência discursiva V (Interação dos sujeitos)

Nesta análise serão enfocados primordialmente os seguintes procedimentos analíticos da AD: Formação Discursiva e Memória Discursiva. Após uma discussão prévia sobre valores e respeito aos direitos e deveres do cidadão, estimulou-se todos os componentes do grupo a recordar seus princípios em relação à convivência, seja familiar ou em ambientes de trabalhos e lazer, para depois introduzir uma discussão com o tema “Interações dos sujeitos”, enfocando primordialmente a interação entre os alunos e entre os professores e alunos na escola, que serviu como modelo social para que todos pudessem se expressar e expor suas opiniões pessoais sobre o assunto. Nesta passagem apenas dois sujeitos fizeram o uso da palavra expondo suas opiniões, sobre o tema proposto, que serão descritos a seguir.

5.2-Transcrição da sequência discursiva V

P-1: Pessoal, hoje trago o tema educação.

A-1: Chamava o outro e perguntava que leta é essa, palmatória a mão, leve couro pra aprender e aprendia.

B-1: E-e-e-e irmão e-e-e-e o (incompreensível).

A-2: Eu-eu, vou dizer uma coisa a senhora, eu só estudei até a sexta série, a sexta série; no tempo em que eu estudei era o primeiro ano ginásial, eu aprendi as quatro operação de conta, e se não soubesse levava castigo, não largava, largava de meio dia, uma hora e se não largasse de uma hora, se chegasse a hora de não largasse, você ia ficar de castigo e só saia quando se fizesse aquelas conta todinha e o ditado. Hoje-hoje se a professora colocasse o menino de castigo hoje, quando ele chega em casa: - mainha, a professora colocou eu de castigo! ... a mãe vai lá, virada no satanás.

B-2: É-é é-é é-é é mesmo irmão.

A-3: Só falta até derrubar, quebrar as cadeira todinha em cima da professora. Ele só vai apender o quê? Ser ignorante com a professora. E você quando chegava em casa só levava a pisa da mãe. Porque ficou de castigo e a professora, a mãe não ia lá saber porque ficou de castigo, não ia exemplar quando você chegasse em casa a educação da escola e a da mãe em casa e o direito da mãe é esse, dar a educação do filho em casa e-da e professora é da

escola e quando o filho chegava em casa fazendo queixa do professor, a mãe não ia nem lá saber, pegava ele e dava uma pisa, mas hoje não pode bater mais, porque os direitos humanos não quer que dê no menino. Amanhã, hoje, hoje de mei dia no repórter, o homem ia meteno o cacete no filho, quinze ano, chegou lá na dele- na ele tava, com uma faca peixeira, foi assaltar um chofer de taxi, pegou o taxi e foi assaltar... o chofer pendeu ele e o outo pa tapa, ele com quinze anos, a mãe foi chamada e foi lá, chegou lá deu o cacete, deu nele, deu nele, deu na frente de todo mundo e ainda disse assim, na frente do delegado de-de juiz de tudo lá: - quem pariu você fui eu, foi ninguém não, a sua mãe sou eu, quem tem que dar em você sou eu. Aí não pode bater no filho. E o filho quando vai levar lapada da mãe, de em mi que vou chamar a policia pa senhora agorinha.

B-3: o... ooo... irmã, A gente era peitado lá, era peita- a gente era pequeno lá (incompreensível).

A-4: Agora policia quando pega, bate, não tem o bate, bate em todo canto, queba os ossos, dá porrada nos ossos, dá tudo, aí a mãe vê, fica sastisfeita, é? A mãe que passou nove meis com o fio na barriga, passou (incompreensível) não pode bate num fi, a policia vai e pega e dá de todo o jeito.

B-4: Vê irmã, lá, lá em baixo, lá na, lá em baixo, ali na policia lá, aí chegou o pai duns minino lá, é... de Dede, aí mandou, o pai de..., oi tome, desceu lá a policia lá, (incompreensível) era-era o nome era...?, tinha dois nome, quando chegou lá, que vois qué que o senhor quer, foi-foi o meu pai que mandou eu fazer um home lá, foi-foi (incompreensível) foi pai que mandou que eu falasse com ele, quando vê, o homem chegou, Diga... foi seu pai que mandou eu visse aqui falar com o senhor, era a-o pa-papel, botou dez(incompreensível) numa mão e dez numa outa, aí bum, quando vê o cara vem arretado de lá de dento, fu... fu... mandou o pai, mandou (incompreensível) chega ficou assim oh, queimando, (incompreensível) e era, ota e ele era com onze ano, (incompreensível) e ota num mão.

5.3- Análise da transcrição V

Observa-se que a afasia apresenta-se em diferentes graus de intensidade. Consta-se que o sujeito **A** tem uma fala mais fluente do que o sujeito **B**, o que pode ser explicado pela abrangência e localização do comprometimento cerebral, assim como pela intensidade de estímulo a que se submeteu para reorganizar as áreas plásticas do cérebro e reinventar a capacidade de articular a linguagem oral (JAKUBOVICZ,1992).

A perspectiva apresentada apoia-se na ótica organicista, ou seja, o grau da lesão e a localização da afasia fazem com que a doença tenha vários níveis de devastação na linguagem. Observa-se a linguagem com diferentes níveis de fluidez, com os sujeitos caminhando em diferentes eixos metafórico/metonímico e com diferentes níveis de construção e coerência da linguagem, como bem afirmam os fundamentos de Jakobson (2010).

Os sujeitos **A** e **B** não apresentam dificuldades cognitivas na apreensão da mensagem, um vez que no desenvolver da conversa, o sujeito **B** materializa no seu discurso o entendimento através da expressão: **B-2: É-é é-é é-é é mesmo irmão.** Percebe-se no recorte acima que o sujeito mantém uma interação efetiva e espontânea, ou seja, é estabelecida uma simetria conversacional entre os sujeitos **A** e **B**, quando o primeiro apresenta sua ideia e o segundo corrobora e confirma sua posição.

Vale ressaltar que é comum essas interações acontecerem, especialmente ao longo das atividades no grupo, e não no período prévio às oficinas, manifestando-se também por conversas espontâneas (não induzidas) e de acordo com o caminho temático delegado pelos próprios interlocutores.

É nessa relação que a interação e a linguagem vão estar sempre em movimento, reconhecendo o outro como o lugar onde a língua funciona e estabelece sentido lógico e efetivo na interação dialógica (LEMOS, 1992).

Ressalta-se mais uma estratégia de adaptação dos sujeitos afásicos para efetivar a comunicação, a complementação ou a referência a ideias pré-faladas, quanto o sujeito **B**, com muito mais limitações linguísticas em relação ao sujeito **A**, apoia-se no discurso ideológico do sujeito **A**, apenas complementando e combinando suas poucas manifestações orais com a pré-fala, o que facilita o seu entendimento.

Como afirma Orlandi (2012), as condições de produção compreendem os sujeitos e as situações. É nessa tentativa de se fazer compreender, que o

sujeito **B** repete “e e e irmão”, pois, embora diante das suas dificuldades, é através das condições de produção da discussão em foco, que ele consegue efetivar a comunicação. Entende-se que essas repetições na fala do sujeito **B**, são estratégias que o afásico utiliza no diálogo com o colega confirmando sua opinião.

Segundo Orlandi (2009), quando se trata do fenômeno linguístico, denominado de memória discursiva, a fala também se baseia no discurso já-dito, seja pelo próprio emissor, em momentos longínquos ou recentes, ou escutada por ele, oriunda de terceiros. Esse fato evidencia-se quando o sujeito **A** ressalta os castigos que as crianças recebiam até meados do século passado quando não acertavam as indagações na escola. Essa memória discursiva pode ser resultante de sua própria experiência ou das histórias narradas pelos seus familiares mais velhos. O fato é que resgata experiências prévias do sujeito, trazendo à tona no seu discurso uma memória inconsciente.

A memória discursiva também é enfatizada por Pêcheux (1993), na perspectiva do interdiscurso, de outro modo, é um saber que possibilita que nossas palavras façam sentido. Nesse sentido, Orlandi (2009) escreve e explica que o conceito de interdiscurso de Pêcheux (1993) nos mobiliza para compreender que as pessoas estão ligadas a esse saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos através da ideologia e do inconsciente.

Encontra-se no sujeitos **A** e **B** a mesma formação discursiva, a produzirem um enunciado relacionado com o ensino da época da palmatória, podendo resgatar um discurso que já foi dito e percebendo que os sujeitos comungam das mesmas ideias e, conseqüentemente, passaram por vivências similares. Ou seja, o contexto social, no qual os sujeitos **A** e **B** se inserem na mesma formação discursiva, tem relação direta com sua história de vida, trazendo à tona a referência de um ensino voltado para um sistema mais rígido.

6 - A SEQUÊNCIA DISCURSIVA VI

6.1- Condições de produção recorte VI (23/01/2014)

Nesta análise será focado apenas o procedimento analítico da AD referente ao Silenciamento. Após as férias de final de ano (2013-2014), no primeiro encontro de 2014, retomando as atividades do grupo. Além de todos estarem ansiosos em dividir suas experiências de férias, os pesquisadores ainda estimularam todos do grupo a falarem de suas vivências, pois, assim, eles iam expondo, nas suas falas e nos não ditos, valores e ideologias sobre o Natal e Reveillon, assim como em relação à cultura associada a essas duas manifestações culturais. Neste contexto, apenas um integrante do grupo destaca-se por evidenciar passagem de silenciamento, tornando-se o foco desta análise.

6.2- Transcrição da sequência discursiva VI

P-1: Vamos fazer o seguinte, cada um conta um pouquinho como foi a entrada do ano novo, o que foi que fez de diferente, se passou em casa ou com a família.

C-1: ... ca... sa.

P-2: Passou com a família, Como foi?

C-2: Gordo, gordo, gordo. Calma!

P-3: Comesse muito, não foi? E quem fez as comidas?

C-3: OH...OH! (Levanta e puxa a bainha da camisa para trás, para mostrar o quanto a barriga está grande devido às comidas do fim de ano).

C-4: Depois oh! (Silêncio)... (Faz gesto de malhação).

P-4: O que você fez mais?

C-5: (pega uma folha de papel e tenta escrever a palavra afasia) eh tá aqui... (apontando para o papel).

P-5: Afasia.

C-6: É é é é é é... A-FA-SAI AFA-SAI Por que afa sai? (silêncio). Depois... Depois.

C-7: (coloca o cotovelo do braço esquerdo na mesa e abre a mão, balançando a cabeça para o lado direito e esquerdo gesticulando que não sabe). Depois... (silêncio) “não fa-la”.

O sujeito em análise apresenta ótima compreensão de linguagem oral e escrita, porém fala e escreve com dificuldade. Ainda assim, acompanha muito bem tudo o que é discutido no grupo e assume o lugar de dizer, mesmo com muitas pausas e manutenção de um agramatismo (fala telegráfica em que as palavras-chave são mantidas, em detrimento de elementos menores, de ligação, com preposições, conjunções e artigos) persistente. Daí, seu discurso é caracterizado por expressões como “eh tá aqui”, apontando para o papel com a finalidade de fazer o outro entender que ele não ocupa mais a posição de domínio de sua linguagem, o que é uma ilusão, porque, de acordo com a AD, no resgate da psicanálise lacaniana, o sujeito não controla o que diz (ORLANDI, 2012). Esses dizeres do sujeito afásico também remetem à formação discursiva do sujeito “o que pode e deve ser dito” em um lugar social e historicamente determinado, ocupado agora por um sujeito que, em sua perspectiva, “não fa-la”. Ainda assim, permanece ocupando a posição de quem pode e deve dizer. Da mesma forma, os companheiros afásicos do grupo o aceitam e se esforçam por compreendê-lo.

Percebe-se que é constante no discurso do sujeito a pausa ou silêncio, diante da fala, na interação do seu discurso com o pesquisador, mostrando muita instabilidade no uso das palavras que pretende usar para expressar seu pensamento. Também pode significar um pedido de socorro ao seu interlocutor, quando fala “calma e silêncio” (Sujeito C2 e C6). No entanto, na maioria das vezes, o sujeito opta por assumir uma posição de silenciamento.

Tomando a teoria da AD, o silêncio pode estar diretamente vinculado à dimensão de incompletude, em que todo dizer está relacionado ao não dizer. “Pode-se pensar o silêncio não como falta, ao contrário, pensar a linguagem como excesso” (ORLANDI, 2002, p. 33).

Nessa perspectiva, no silêncio há sentidos, pois ele significa algo a ser dito, através do não dito. Nesse caso, o silêncio da forma como está abordado, não é vazio e sem sentido. Ele causa efeito no outro, que vê a linguagem significar, sair do vazio e instaurar algo a ser dito (ORLANDI, 2002). As pausas aparecem continuamente e mostram o sintoma na/da linguagem. A falha que faz parar, que cristaliza, mas que também insiste em significar. Assim, sendo

pausas e silêncios, o discurso de sujeitos afásicos deve ser cuidadosamente analisado para que se possa compreender como produz efeitos de sentido.

Pode-se observar que o sujeito em questão escolhe (inconscientemente, já que a seleção está no eixo do que está em ausência, de outras possibilidades de dizer) uma só palavra para designar o dito. Através do que seria a única possibilidade de seleção, os sujeitos em estudo, concentram todos os desdobramentos da resposta completa, a exemplo de: “Depois, Depois”. Aqui o sujeito expressa para o interlocutor uma interpretação na possibilidade que “depois” vai falar. Neste sujeito afásico, haveria uma dificuldade de concretização do processo metonímico, isto é um distúrbio da contiguidade, uma vez que ele não desliza metonimicamente.

Por outro lado, partindo-se da proposta da AD, pode-se afirmar que o sujeito não tem controle sobre o que diz e a Afasia limita as condições da língua, levando o sujeito a ocupar uma posição da “impossibilidade do dizer” ou silenciar, ao se deparar com a falha que pode não fazer sentido no outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo dos afásicos aqui apresentado foi caracterizado por ser heterogêneo e se encontram sujeitos afásicos com modificações nos dois eixos da linguagem, de seleção e de combinação.

No aspecto linguístico-discursivo que é o foco deste trabalho, percebe-se que os sujeitos participam de interações que possibilitam a vivência de situações de uso sociocultural da linguagem, em condições de produção que propiciam a construção de sentidos.

Dentre as concepções da Análise do Discurso de linha francesa (AD), destacam-se as formações imaginárias, pois eles se constituem sujeitos afásicos a partir da imagem que fazem de si como emissores do discurso e da imagem que julgam que o receptor faz deles. Daí o discurso conter expressões queixosas de uma impossibilidade de transmitir o que desejam, sem antes mesmo tentar. Nesse ponto, também é possível perceber momentos em que o sujeito afásico se afasta da posição de sujeito dominante. É nesse momento, que há o desdobramento, ou até mesmo a desidentificação com a forma sujeito.

Ainda destaca-se a relação de força perceptível no grupo evidenciando a importância do pesquisador com variável facilitadora da verbalização do sujeito afásico em especial, quando estimula, elogia e corrobora com as ideias apresentadas, atribuindo sentido.

Na teoria da AD, há três caminhos para se refletir sobre o discurso, - como acontecimento, como estrutura ou na tensão entre descrição e interpretação. Nos recortes analisados, há uma reflexão sobre uma busca pela memória, como interdiscurso, que permite que o discurso do sujeito afásico seja dotado de certo sentido, tomado este como aspecto central do discurso de todo sujeito.

Atuar na perspectiva discursiva neste grupo traz um papel significativo neste processo de (re) construção, promovendo estratégias que viabilizam uma dinâmica grupal mais próxima do contexto efetivo e significativo da linguagem, realizar procedimentos mais direcionados tais como: fazer perguntas de formas

diversas a todos os integrantes (e de forma específica aos que não conseguem ainda expressar-se oralmente); procurar (re)construir uma imagem no grupo de que ser afásico não significa “não falar”; dar sentido aos enunciados, nem sempre claros, possibilitando o prosseguimento do afásico no diálogo; oferecer *promptings*, exigindo gestos na ausência de oralidade; convocar os sujeitos a participarem efetivamente do diálogo, apesar de suas dificuldades, mostrar para o afásico que sua opinião é importante, que seus comentários serão valorizados, trazer temática de interesse dos sujeitos do grupo.

Trazendo a teoria da análise do discurso de Linha francesa, através das atividades que possibilitaram a discussão, com temas recorrentes encontrados no grupo de convivência de sujeitos afásicos, realizou-se as interpretações dos seus discursos, a fim de desvendar ou atribuir sentidos aos seus dizeres, utilizando os mecanismos da AD. Os sentidos nem sempre estiveram evidenciados e também não foram únicos, por isso através dos mecanismos da AD pode-se atravessar os sentidos e chegar a uma possível interpretação. Por meio das transcrições, foi possível encontrar os temas comuns recorrentes ao discurso de afásicos no Grupo de Convivência de sujeitos Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco. São eles: crença na incapacidade da fala, lembranças, a doença e crenças baseadas no senso comum. Os temas de maior prevalência e iniciados exclusivamente pelos afásicos foram sobre as incapacidades, doença/AVC, principalmente sobre as alterações linguísticas.

No que se refere às condições de produção geradoras de melhor funcionamento da linguagem em sujeitos afásicos, pode-se destacar: a) estimular e destacar os avanços, quando o afásico estabelece uma interação com o pesquisador; b) a importância do não afásico transmitir ao afásico que está entendendo a mensagem transmitida, transferindo para ela a segurança para seguir se comunicando; c) assegurar durante a conversação, o momento de intervenção dos afásicos, para que ele se sinta importante e contemplado na conversa; d) reformular através de vários discursos as mesmas perguntas ou indagações, buscando facilitar o entendimento cognitivo do afásico aos questionamentos que são impostos no diálogo; e) o sujeito não afásico não deve se limitar apenas ao sentido formal das palavras para entender o discurso dos afásicos, nem questionar indiscriminadamente o seu discurso, uma vez

que os sujeitos afásicos podem fazer uso dos mesmos vocábulos com diferentes efeitos de sentido, o que representa mais uma estratégia de se fazer entender; f) o sujeito não afásico deve evitar pressionar ou coagir o afásico a se expressar, respeitando o tempo cognitivo de construção das ideias e de verbalização do discurso.

Quanto às condições de produção geradoras de dificuldades no funcionamento da linguagem de sujeitos afásicos, pode-se destacar: a) A falta de entendimento do receptor referente aos distúrbios da afasia, frente ao diálogo com afásicos; b) exigir que o sujeito afásico verbalize suas respostas da forma esperada; c) pressionar o sujeito afásico a falar e se fazer entender; d) acelerar o afásico no momento de expressar opiniões, não respeitando seu tempo de construção e expressão da palavra falada.

Assim, pode concluir que o sujeito afásico tem em seu auxílio, recursos que podem beneficiar seu discurso, pois, se retomada como um *feedback* da situação comunicativa, pode levá-lo a perceber quando não está sendo compreendido, ficando clara a necessidade de reformular o que previamente havia dito, de forma a se fazer melhor entender.

A partir desse estudo são disponibilizadas contribuições no campo das ferramentas que maximizam a linguagem e interação dos sujeitos afásicos, destacando que os mecanismos da AD podem funcionar como estratégia teórica e metodológica para facilitar o entendimento do discurso do afásico.

REFERÊNCIAS

ARANTES, L. *Diagnóstico e clínica de linguagem*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e estudo da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo: PUC – SP. 2001.

ARANTES, L.; FONSECA, S.C. *Efeito da escrita na clínica de Linguagem*. In: LIER-DEVITTO, M.F. & ARANTES; (ORG.) *Faces da escrita: linguagem, clínica, escola*. Campinas: Mercado das Letras. 2006.

AZEVEDO, N.P.S.G. *Uma análise discursiva da gagueira: Trajetória de silenciamento e alienação na língua*. Dissertação do Mestrado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2000.

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras Incertas: as não coincidências do Dizer*. Campinas: Ed. UNICAMP. 1998.

BARONAS, R.L.; KOMESU, F. *Homenagem a Michel Pêcheux: 25 de presença na análise do discurso*. São Paulo: Martins Fontes. 2008.

BENSON, D.F. *Aphasia, Alexia and Agraphia*. New York: Chirchill Livingstone. 1979.

BENSON, D.F. *Aphasia in clinical, \Neuropsychologr* Heilman, K. M (org) Eduard Valenstein 3 ed. New York: Oxford University Press, p. 17-36. 1985.

BRANDÃO, H.N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas. UNICAMP. 2004.

BRANDÃO, H.N. *Discurso, gênero e cenografia enunciativa*. In: Michelleti, Guaraciaba (org.). *Enunciação e gêneros Discursivos*. São Paulo. 2008.

COURTINE, J.J. *O Chapéu do Clémetis*. In: Indursky, F; Ferreria, M. C. L. *Os Múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzato. 2006.

COUDRY, M.I.H. *Língua Discurso e Lógica da linguagem patológica*. Cadernos da F.F. C., Marília, São Paulo, p. 131-148. 1999.

- COUDRY, M.I.H. *Diário de um narciso: discurso e afasia*. 3ª ed. São Paulo. 2001.
- FERNANDES, C.A. *A análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia. Trilhas Urbanas. 2005.
- FERNANDES, C.A.; SANTOS, J.B.C. *Percursos da Análise do Discurso no Brasil*. São Paulo: Clara luz. 2005.
- FREUD, S. *A interpretação das afasias*. Lisboa: Tradução de Ramón Alcalde, Edições 70. Martins Fontes. 1977.
- FLORES, V.N; SURREAUX, L.M; KUHN, T.Z. *Introdução aos estudos de Roman Jakobson sobre afasia*. Porto Alegre: UFRGS Editora. 2008.
- FONSECA, S.C. *Afasia: a fala em sofrimento*. Dissertação de mestrado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.1995.
- FONSECA, S.C.; VORCARO. A. O Atendimento Fonoaudiológico e Psicanalítico de um Paciente que não se Reconhece (É Reconhecido) Falante. 1998.
- FONSECA, S.C. e VIERIA, C.H. *A afasia e o problema da convergência entre teoria e abordagens clínicas*. MENDES, B.; Barza GLI-FICHER, L. & MARTINS, M.A.N. Distúrbios da comunicação. São Paulo. 2000.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de janeiro: Forense.1997.
- FOUCAULT, M. *A ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola. 2012.
- GREGOLIN, M.R. *Discursos e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Paulo: Claraluz. 2003.
- GREGOLIN, M.R. *Foucault e Pêcheux na análise do Discurso: Diálogos & duelos*. 2 ed. São Carlos. Ed. Claraluz. 2006.
- INDURSKY, F. *O entrelaçamento entre o político, o jurídico e a ética no discurso de/ sobre o MST: Uma questão de lugar – Fronteira*. Ver. Anpoll, N-12. 2002.

INDURSKY, F. *Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura*. In: Ernest- Pereira, Aracy, Funck Susana Borneo (Orgs) *A leitura e a escrita com práticas discursivas* Pelotas: Educat. 2008.

INDURSKY, F. *A memória na cena do discurso* In: *Memória e na História na/ da Análise do Discurso*. INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M.C.L. (org), Mercado de letras. 2011.

JACKSON, J. H. *Selected Writing of John Hughlings Jackson*. Ed. By James Taylor. London. Staple Press 2. 1864.

JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. Paris: Minuit. 1963.

JAKOBSON, R. *Dois Aspectos da Linguagem e dois tipos de Afasia*. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo, Coutrix. 2010.

JAKUBOVICZ, R.; MEINBERG, C. R. *Introdução à Afasia* Elementos para o diagnóstico e terapia. 5 ed. Rio de Janeiro Revinter. 1992.

JAKUBOVICZ, R.; MEINBERG, C.R. *Introdução à afasia: diagnóstico e terapia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Revinter. 1992.

JAKUBOVICZ, R.; MEINBERG, R.C. *Linguagem na afasia e na demência*. In: *Jakubovicz R, MEINBERG R. C. Introdução à afasia*. Rio de Janeiro: Revinter. 1996.

KANDEL E.R.; SCHAUATZ J.H.; JESSEEL T.M. *Fundamentos da Neurociência e do Comportamento*. Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan. 2000.

LANDI, R. *Quando o sintoma é de escrita: Considerações sobre o diagnóstico de afásicos na clínica da linguagem*: In: *Aquisição, Patologia e Clínica de Linguagem*. São Paulo: Ed. PUC-SP. 2006.

LEMO, C.T.G. *A sintaxe no espelho*, em cadernos de Estudos Linguísticos, VOL 10 UNICAMP. Campinas. 1992.

LEMOS, C.T.G. Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. Boletim da Abralín. VOL 3 Editora da Universidade de Pernambuco Recife. 2002.

LIER-DEVITTO, M.F. Novas contribuições da linguística para a fonoaudiologia. In: Revista Distúrbios da Comunicação, v.7 n.2, p. 163: 172. 1995.

LIER-DE-VITTO. M.F. Patologias da linguagem: Sobre as viscissitudes de falas sintomáticas. 2002

LIER-DEVITTO, M.F.; FONSECA, S.C.; LANDI, R. *Veze e Voz na linguagem: O Sujeito sob efeito de sua fala sintomática*. Revista Kairós. São Paulo, v.10, p.19 a 34. 2007.

LIER-DE-VITTO, M.F.; ARRANTES. L. *Aquisição patologias e clínicas de Linguagem*. São Paulo: PUC. 2006.

LURIA, A. R. *Fundamentos de Neuropsicologia*. RJ, Livros Técnicos e Científicos; SP, EDUSP,1981. Tradução de Ricardo, Juarez Aranha da edição da Penguin Books Middlesex, 1973.

MAC-KAY, G.A.P.M.; ASSENCIO-FERREIRA, V.J.; FERRI-FERREIRA, T. *Afásias e Demências – Avaliação e Tratamento Fonoaudiológico*. São Paulo: Livraria Santos Editora LTDA. 2003.

MAZIERE, F. *A análise do discurso: História e práticas*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editoria. 2007.

MORATO, E. M.; *Rotinas significativas e práticas discursivas: relato de experiência de um Centro de Convivência de Afásicos*. Campinas: Distúrbio de Comunicação, v. 1º, p. 5-15, 1999.

MORATO, E.M.; TUBERO, A.L.; SANTANA, A.P.; DAMASCENO, B.; SOUZA, F.F.; MACEDO, H.; CAMERIN, I. M. D. P.; PEREIRA, J.A.T.; COUDRY, M.I.H. (Org.). *Sobre as afasia e os afásicos: Subsídios teóricos e práticos elaborados pelo centro de convivência de afásicos*. Editora Unicamp. 2001.

MUSSALIN, F. *Análise do Discurso*. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Linguística -domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez. 2006.

- MURDOCH, B.E. *Desenvolvimento da fala e distúrbios da linguagem: Abordagem Neuroanatômica e Neurofisiológica*. Rio de Janeiro: Editora Revinter. 1997.
- OLIVEIRA, A. A. *A produção de gênero Textual de Afásicos*. Dissertação de Mestrado da Universidade Católica de Pernambuco. 2008.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e Leitura*. Campinas: ed. UNICAMP. 1988.
- ORLANDI, E.P. *Gestos de Leitura: da leitura no discurso*. Campinas: Unicamp.1997.
- ORLANDI, E.P. *Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos*. Campinas – SP: Pontes. 2001.
- ORLANDI, E.P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. São Paulo: Editora Unicamp. 2002.
- ORLANDI, E.P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 6ª Campinas, São Paulo Pontes. 2011.
- ORLANDI, E.P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas. SP. Pontes/ UNICAMP. 2012.
- ORLANDI, E.P. *O papel da memória*. Campinas: Pontes Editores. 2009.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp. 1988.
- PÊCHEUX, M. *Por uma análise Automática do discurso*. Campinas: Unicamp. 1993.
- PÊCHEUX, M. *Papel da Memória*. In Achard, Pierre et al. *Papel da memória*. 2 ed. Campinas: Pontes Editores. Trad. NUNES, J.H. 2007.
- PÊCHEUX, M. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. 5ª ed. Campinas: Pontes. 2008.
- POSSENTI. S. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. São Paulo, Parábolo Editorial. 2009.

VIEIRA. C. H. Um percurso história da afasiologia: estudos neurológicos, linguísticos e fonoaudiólogos. Dissertação de mestrado da Universidade do Paraná. 1992.

VIEIRA. C.H. Sobre as afasias: o doente e a doença. In *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: Editora da PUC-SP, Reimpressão. 2007.

VORCARO, A.M.R. *Crianças na Psicanálise clínica, Instituição, laço social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 1999.

VORCARO, A.M.R. *Linguagem maternante e língua materna: sobre o funcionamento linguístico que precede a fala*. In: BERNARDINO, L. M.F.; ROHENKONL, C. M. F. (Org.). *O bebê e a modernidade: abordagens teórico-clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2002.